

do quartel sem que o official de inspecção tenha o minimo conhecimento de tal. Muitos soldados haviam sido coagidos a adherir á revolta. Tambem me referiram que os revoltosos tinham mandado chamar alguns officiaes, para se reunirem ao regimento. Um d'elles fôra o major Matta Ferreira, que fôra convidado a ir tomar o commando, não se apresentando por motivo de se achar doente ha já dias.» (1)

E effectivamente o regimento formou, sem ruido extraordinario que pudesse despertar suspeitas ao official d'inspecção. Comtudo, não deixaram os insurrectos de tomar precauções para prevenir a eventualidade de o official d'inspecção apparecer antes da sahida do regimento; mas como o official d'inspecção era respeitado e estimado, determinou-se que para com elle se tivessem todas as attenções que a especial situação comportava.

Seriam trez horas da manhã quando o regimento deixou o quartel, commandado pelo capitão Leitão.

Ao depoimento d'esse official, vamos buscar alguns pormenores que antecederam a sahida do corpo a que pertencia.

Historiou elle :

«Eram 2 horas e meia da madrugada, quando me foram bater á porta; eu não tinha a certeza, e, por isso, fiquei surprehendido. Hesitei um pouco. A minha casa tem trazeiras para um quintal; é para esse lado que dormia o meu impedido, a quem chamei. A pessoa que me veio chamar disse:— «O' meu capitão, venha já, o regimento vae já sahir; vou avisar outros snrs. officiaes.»

«Vesti-me e sahi com o meu camarada, ficando arre-

---

(1) Depoimento do capitão Francisco Rodrigues da Silva, no 2.º conselho de guerra.

pendido de o trazer, pelo facto de deixar meus filhos, um dos quaes só tem dois annos, quasi sós.

«Entrei no quartel e fui á arrecadação. N'este ponto devo fazer uma declaração: é falso o que aqui disseram algumas testemunhas, sobre o facto de eu ter comprado umas chaves para a porta da arrecadação.

«Logo que cheguei ao quartel, como já disse, dirigi-me á arrecadação, onde colloquei o capacete na cabeça. Depois perguntei pelos officiaes, sendo-me dito que ainda não tinham chegado. — Esperemos então mais algum tempo, — disse eu — ao que me replicou um sargento que era hora de seguir para Santo Ovidio, onde deviamos estar ás 3 horas e meia, e para onde já fôra a guarda municipal. Sahi para fóra e fui para o caramanchão. Eu estava convencido de que os meus collegas compareceriam; não esperava traições. Eu não tomei o commando do regimento no quartel, como ahi se disse. Isto que eu digo é que é a pura verdade. As companhias vieram ter commigo. N'essa occasião eu conhecia que não respirava bem, estava preocupado. Ainda assim, convencidissimo de que encontrava em Santo Ovidio superiores que tomassem o commando, parti.» (1)

O auctor (2) fôra tambem chamado por um grupo de cabos. Dirigiu-se para o quartel, mas ao desembocar da Rua da Rainha, sentindo o tropel de tropa em acelerado que vinha do lado do Palacio de Crystal parou, ficando na expectativa. Poucos momentos depois o regimento approximava-se, vendo então que só o capitão Leitão acompanhava o regimento.

Trocaram os dois algumas palavras e, o auctor, tomou

(1) Depoimento do capitão Leitão no 2.º conselho de guerra.

(2) Manoel Coelho.



OS ESTUDANTES NA REVOLTA  
Alberto d'Oliveira

o commando do 2.º pelotão que até allí vinha sob o commando de um 1.º sargento, seguindo o regimento em passo ordinario pela Rua da Rainha e Rua do Breyner, até o Campo de Santo Ovidio. (1)

Em quanto os regimentos de caçadores n.º 9 e de infantaria n.º 10, abandonavam os seus quartéis para se lançarem na insurreição, tambem o regimento d'infantaria n.º 18 se

preparava para acompanhar o movimento revolucionario.

Ahi, porem, as prevenções tomadas pelos officiaes que se reuniram no quartel tornaram mais difficil a insurreição do regimento.

Um dos sargentos d'aquelle regimento que assistiu á reunião da rua de Santa Catharina, o 2.º sargento Hermenegildo Pereira da Silva, ao entrar no quartel a hora posterior á do recolher, foi detido pelo official d'inspecção

(1) Um facto insignificante deu logar a interpretações erradas a respeito das intenções com que os sargentos entraram na Revolta. O auctor Manoel Coelho, quando se dirigia para o quartel levava o seu kepi, esperando trocá-lo pelo capacete que tinha na arrecadação da sua companhia. Como, porem, encontrasse o regimento na rua, não teve ensejo de o fazer. O 1.º sargento Vergueiro deu o seu capacete ao auctor ficando-lhe com o kepi, com ideia de mandar ainda ao quartel um soldado pelo capacete. Mas o soldado voltou sem ter entrado no quartel, resolvendo se então o 1.º sargento a usar o kepi, com que andou coberto durante a Revolta. Resultou d'esse pequeno incidente affirmar-se que os sargentos se tinham attribuido graduações de officiaes, dizendo-se até que alguns já tinham uniformes correspondentes a essas graduações.

que, pouco depois, o poz em liberdade, mandando-o recolher ao quarto dos sargentos da sua companhia. Esse sargento, porem, conseguiu illudir a vigilancia do official d'inspecção e poudo dar conhecimento das deliberações tomadas aos sargentos do destacamento de cavallaria n.º 6, alojado n'aquelle quartel, os quaes não haviam assistido á referida reunião.

Chegada a hora convencionada, as companhias, á ordem dos sargentos, começaram a formar nas casernas.

Os officiaes que presentiram esse movimento pretenderam evital-o, mas inutilmente.

De uma janella do 1.º pavimento do quartel o tenente-ajudante começou a fallar, procurando dissuadir as companhias, que já estavam na parada, de que obedecessem aos sargentos. Mas dois tiros que da parada lhe foram dirigidos forçaram-no a desistir do seu proposito.

N'esta occasião já o regimento de caçadores n.º 9 se encontrava no Campo de Santo Ovidio, e pouco depois, chegava tambem o de infantaria n.º 10. Estes dois regimentos estavam formados, o de caçadores n.º 9, em quadrado, proximo da porta principal do quartel d'infantaria n.º 18, e o d'infantaria n.º 10 em dois circulos na outra extremidade d'aquelle Campo; e para incitar o regimento d'infantaria n.º 18 a abandonar o quartel começaram bradando — «Viva o regimento d'infantaria n.º 18! — Viva a Republica! — Viva o exercito! — Abaixo a monarchia!»

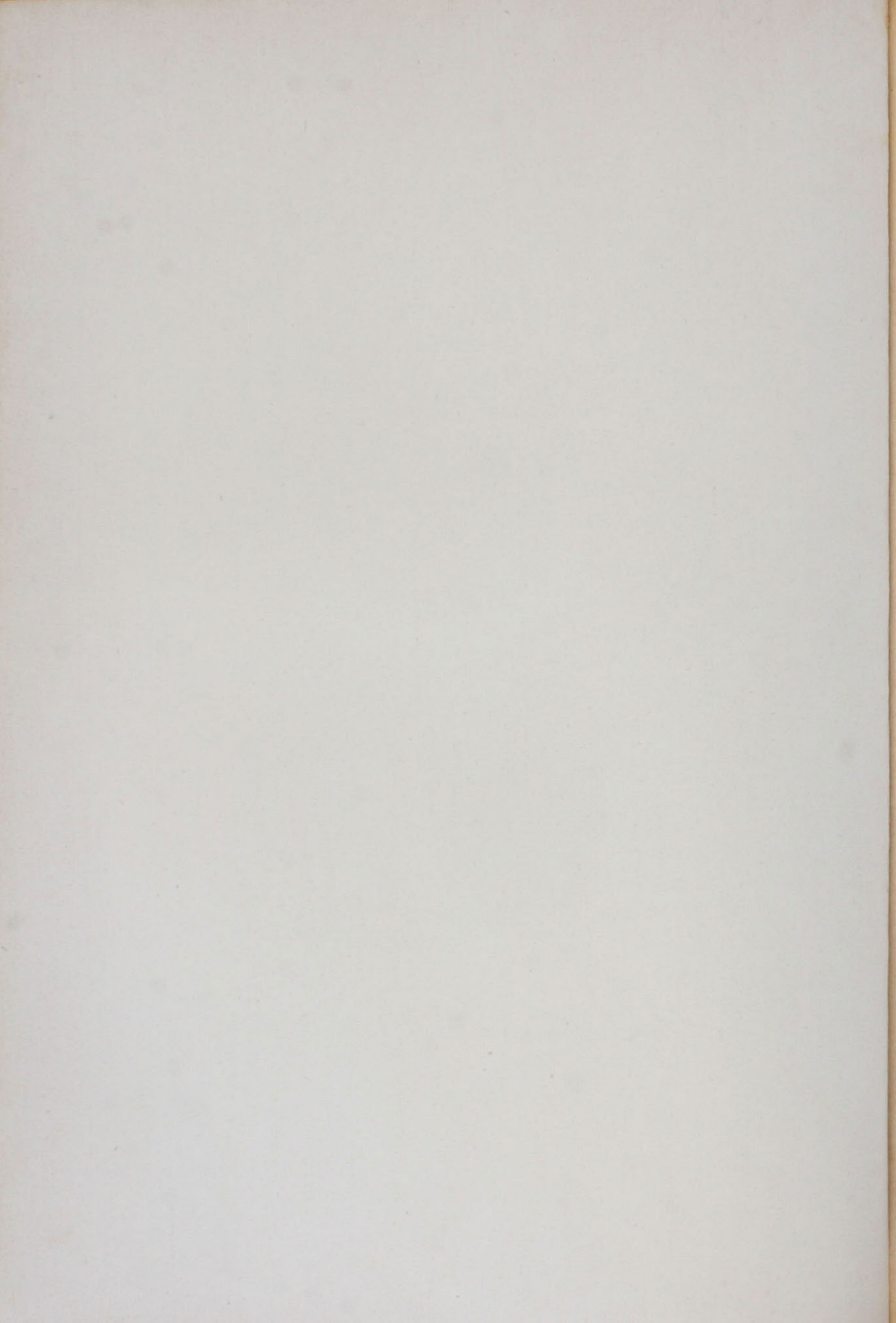
Momentos depois o destacamento de cavallaria n.º 6, que tem sahido pela porta posterior do quartel, vem a galope formar na frente do quartel, em linha parallela á fachada d'esse edificio.

Redobraram as saudações e os vivas.



*Jose Maria Correia da Silva*

GENERAL CORREIA DA SILVA  
(em 1887)





2.º SARGENTO D'INFANTARIA N.º 18  
HERMENEGILDO PEREIRA DA SILVA  
*Julgado em conselho de guerra—  
Seis annos de degredo*

Entretanto, no interior do quartel a confusão augmenta a cada instante.

À medida que os regimentos d'infantaria n.º 10 e de caçadores n.º 9 se reuniam no Campo de Santo Ovidio convergia para alli a Guarda Fiscal, cujo concurso para a Revolta foi dos mais importantes.

Como vae ver-se do depoimento de varias testemunhas, nos conselhos de guerra de Leixões, um dos homens que mais importante papel desempenhou na sublevação d'essas tropas foi o cabo João Borges.

O tenente coronel Moraes Carmona depõe no processo:

«Na madrugada de 31 de janeiro, avisado do que se passava se vestira, e ao sahir de casa, na rua da Rainha, ouvira grande vozeria para os lados da Lapa, resolvendo, por isso, deirigir-se para alli, o que fez. Quando chegou proximo á igreja da Lapa, pretendeu vêr se mettia os soldados na ordem e fazel-os dispersar, mas não lhe foi isso possivel, por não o attenderem. Viu um grupo de 80 a 100 homens da guarda fiscal, e dirigindo-se a elles, perguntou-lhes quem os tinha mandado para alli, e que fossem para os seus postos. Os soldados não responderam, mas crê que tambem não foi ouvido senão por uma decima parte d'elles, porque a vozeria era muita. N'esta occasião ouviu alguns vivas á republica e vozes de: Fóra, fóra! Pretendeu ainda exhortal-os, mas, como visse que não o podia conseguir, lembrou-se ainda de

disparar o revolver sobre alguns; como isto seria uma imprudencia, resolveu retirar-se e dirigir-se ao quartel de cavallaria, e, acompanhado d'esta, cercar os revoltosos e obrigar-os a render-se; mas, quando chegou ao quartel, apenas encontrou 11 homens, tendo o resto sahido com os sargentos, que os levaram sob o pretexto de que era necessario marchar immediatamente para a Povia de Varzim, a fim de suffocar uma revolta de pescadores.

«Foi em seguida ao quartel da guarda fiscal, e seriam 8 horas o commandante mandara-o ao quartel-general; quando, porém, ia a sahir, ouviu a primeira descarga na rua de Santo Antonio, e 3 minutos depois, quando muito appareceram correndo desordenadamente, na rua dos Martyres da Liberdade, alguns soldados de cavallaria, montados, que á voz d'elle, depoente, se apeiaram, seguindo para o quartel por ordem do commandante, indo tambem com elles a testemunha. Alli chegados, deu-lhes ordem de se armarem para defenderem a cavallaria e a guarda do paiol, caso fosse atacada. Mais tarde, porém, soube que os revoltosos se tinham rendido e seguiu então para casa.

«A instancias do sr. promotor, diz que o sargento de cavallaria da guarda fiscal, Rocha, vinha na rectaguarda de 4 soldados de cavallaria, que, desordenadamente, seguiam pela rua dos Martyres da Liberdade; e que o sargento Francisco Antonio Ferreira fôra preso por andar a alliciar praças da guarda fiscal, a fim de entrarem na revolta, e que, sendo perguntado, confessou que realmente tinha feito essa alliciação, chegando a juntar 17 homens. Ignorava, porem, a parte que o mesmo sargento tomára na revolta do dia 31.

«Instado sobre se tinha intimado ou exhortado ape



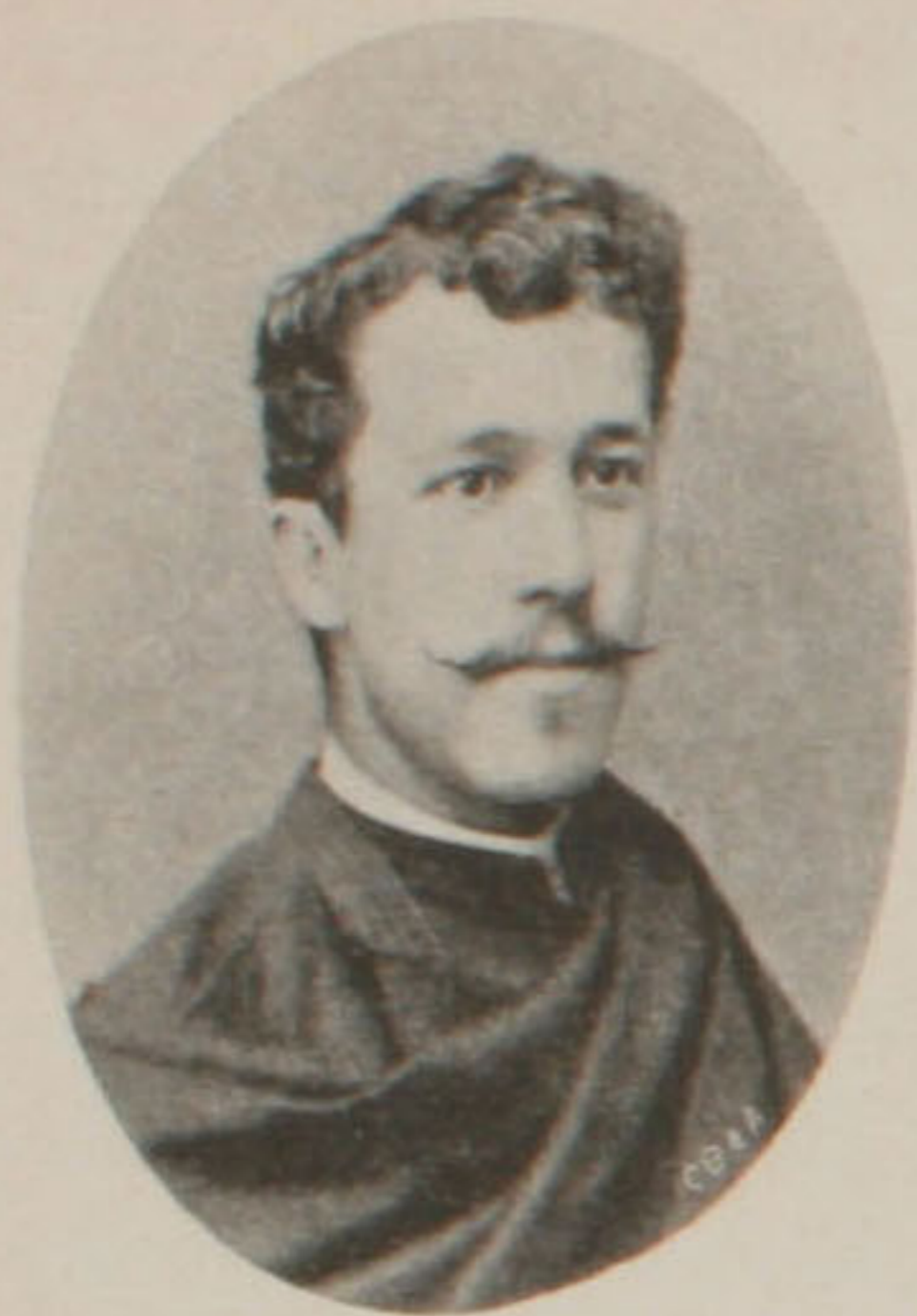
nas os revoltosos ou intimado tambem a dispersarem e voltarem para os seus postos, responde que fizera uma e outra cousa, mas que não fôra attendido, mesmo porque estava certo que nove decimas partes da força revoltosa não o tinham ouvido, com a vozaaria que se fazia.

«Que o sargento Silva foi o principal instigador da revolta da 5.<sup>a</sup> companhia da guarda fiscal, chegando a illudir o 1.<sup>o</sup> sargento Rocha, para elle sahir com a cavallaria. E tanto assim, que dapois da cavallaria ter sahido com o Rocha, para os lados do Matadouro, elle collocára-se á porta do quartel, de clavina em punho, e, muito embriagado, ameaçava matar todo aquelle que entrasse no quartel ou não quizesse sahir d'elle sem ser armado, bem como todas aquellas pessoas que quizessem seguir para a rua da Rainha. Que o cabo João Borges, da guarda fiscal, fôra um dos revoltosos que mais se distinguira, pois tinha alliciado 87 praças d'aquella guarda, conduzindo-as do Pinheiro até á praça do Marquez de Pombal, sob o pretexto de que era necessario ir á rua Costa Cabral, por causa de uma grande tomadia. Que era isto o que lhe tinham affirmado, tanto que alguém ao vêr o Borges com tanta gente, exclamava: «Bravo, cabo Borges, você traz uma força de capitão». (1)

Declara tambem o sub-chefe d'estado maior Fernando de Magalhães:

«Vi eu que a guarda fiscal era commandada, se bem me recordo, por um cabo, ouvindo tambem alguns morras, poucos. Em seguida, uns 20 soldados de cavallaria da guarda fiscal, que alli se achavam, desembainharam

(1) Depoimento do tenente-coronel da guarda fiscal, Leonel Joaquim Machado de Moraes Carmona, no 3.<sup>o</sup> conselho de guerra.



2.º SARGENTO DE CAÇADORES N.º 9  
INFANTE DA CÂMARA  
(Emigrado em Hespanha)

as espadas e levantaram gritos de «Viva a republica». Pouco depois as tropas seguiram para a praça de D. Pedro e rua de Santo Antonio, onde se deram os factos de todos conhecidos. Affirma que aconselhára a guarda fiscal a retirar-se, mas que não a intimára, porque ella não está sob as ordens do quartel-general.» (1)

Ainda o capitão de cavallaria da guarda fiscal Moraes

Sarmiento, diz:

«Que 21 soldado e 3 sargentos da 5.ª companhia de seu commando, haviam sahido precipitadamente, armados e montados, a unir-se aos revoltosos, quando estes já estacionavam no campo da Regeneração. Fôra o sargento Silva, actualmente homisiado, quem ordenára ao esquadrão que montasse, sem demora para desempenhar uma diligencia importante e immediata, abusando do nome do commandante para fazer-se obedecer. E' opinião d'ella, testemunha, que os soldados, acatando a ordem recebida e cumprindo-a promptamente, nem sequer suspeitaram do embuste ardiloso que tão graves responsabilidades lhe acarretariam.» (2)

Esclarece no seu depoimento o capitão Cunha da guarda fiscal:

(1) Depoimento do sub-chefe d'estado maior da divisão, Fernando de Magalhães e Menezes, no 3.º conselho de guerra.

(2) Depoimento do capitão de cavallaria da guarda fiscal, José Antonio de Moraes Sarmiento, no 3.º conselho de guerra.

«Na madrugada de 31 de janeiro percorreu diferentes postos do seu commando, entre os quaes o de Mathosinhos, e conseguiu reunir umas 30 praças, apresentando-se com ellas no quartel do batalhão e que foram postas á disposição do snr. general commandante d'esta divisão militar. Diz que os 2.<sup>os</sup> sargentos Barros e Pinho Junior andaram levantando as sentinellas de diferentes postos, e que o sargento Rebocho, tambem se apresentou com alguns soldados já depois de se ter manifestado a rebellião. O 1.<sup>o</sup> cabo João Borges levantou os postos da secção do Pinheiro.» (1)

O 1.<sup>o</sup> sargento Rocha que commandava o esquadrão de cavallaria da guarda fiscal na Revolta, no seu interrogatorio expõe:

«Pelas 3 horas da madrugada do dia 31 de Janeiro fôra bater á porta de sua casa, á rua do Almada, o 2.<sup>o</sup> sargento Silva, da 5.<sup>a</sup> companhia da guarda fiscal, a que tambem pertence, e, indo fallar-lhe, disse-lhe elle que se levantasse e apresentasse immediatamente no quartel, por ordem do capitão. Quando chegou ao quartel estava tudo prompto; viu a companhia formada, e o sargento Silva de clavina carregada e a cartucheira fornecida, declarando que desfecharia sobre todo aquelle que desobedecesse ás suas ordens e não o quizesse acompanhar. Ainda pretendeu retirar-se, mas não lhe foi possivel, pela attitude hostile que elle tomou. Pouco depois sahiram do quartel, dirigindo-se pela rua de S. Dionysio ao Mata-douro, seguindo para a Boavista, onde elle, Silva, dizia que deviam estar os officiaes. Como alli não estivesse ninguem, dirigiram-se para o campo da Regeneração,

(1) Depoimento do capitão d'infantaria da guarda fiscal Antonio Ernesto da Cunha, no 3.<sup>o</sup> conselho de guerra.

onde ficaram ás ordens do snr. capitão Leitão, declarando-lhes tanto este senhor como o sargento Silva que aquelle que se retirasse morreria com um tiro.» (1)

No conselho de guerra, declara o cabo Borges:

«Que assistiu a todo o movimento em virtude de uma ordem superior por escripto e chancellada, que recebera para levantar postos e marchar para o campo da Regeneração. Quando marchava com as forças para este lugar, foi pela rua de Camões, e ao entrar por uma das ruas que dão d'esta para o campo da Regeneração, e cujo nome ignora, viu alli uma força da guarda municipal. O commandante d'esta força perguntou-lhe para onde iam, e elle, réu, respondeu que iam para o campo da Regeneração, onde o capitão e o alferes da guarda fiscal deviam estar para lhes dar ordens. Mandaram-n'o fazer alto, e pouco depois chegou uma praça dizendo que fossem postar-se no largo da Lapa. Assim fez, e quando alli chegou, encontrou o sr. major Graça com uma força da municipal, o qual lhe declarou que elle, réu, ficava sob as suas ordens. Pedira-lhe então que mandasse um official tomar o commando, mas o sr. Graça respondera que não era preciso; que fossem collocar-se proximo da porta do quartel do 18, e se alguem tentasse sahir que dessem fogo. Passado tempo, não recebendo ordens, viera para o campo da Regeneração, não tornando a vêr o sr. major Graça.

«A essa hora tinham já chegado forças do 9 e do 10, tomando o capitão Leitão o commando de todas as forças. Alguns vivas á republica foram soltados por paisanos na sua frente, mas não viu que nenhum militar os

(1) Depoimento do 1.º sargento de cavallaria da guarda fiscal, Guilherme Mauricio da Rocha, no 3.º conselho de guerra.



CABO D'INFANTARIA N.º 18  
TAVARES COUTINHO  
(Emigrado em Hespanhia)

dêsse. Acompanhou as forças até á rua de Santo Antonio, e aqui pôde refugiar-se no portão dos Banhos, onde esteve até ás 7 horas e meia da noute. Quando sahio, dois guardas civis que estavam á porta prenderam-n'ó. Se fosse possivel teria fugido quando ainda estava no campo da Regeneração, mas foi ameaçado de morte se tal fizesse.

«O snr. promotor requer que o réu seja acareado com o snr. major Graça; e bem assim que se indague quando o réu foi preso e aonde.

«Réu — Quando chegou á Lapa levava talvez umas 50 ou 60 praças sob o seu commando, pois levantára os postos desde o Freixo até á rua do Costa Cabral.

«Auditor — E como é que fez obra por uma ordem sem assignatura?

«Réu — A ordem estava chancelada, e não era a primeira vez que se fazia o serviço por este systema. De uma vez até a ordem ia escripta n'um bilhete de visita.

«Auditor — Requeiro que o réo seja acareado com alguns dos outros réus que o acompanhavam, para se verificar se elles confirmam o que este disse com relação ás ordens que recebeu do snr. major Graça.» (1)

Assim ás 3 horas e meia da madrugada estavam reunidos no Campo de Santo Ovidio os regimentos de caçadores n.º 9 e d'infantaria n.º 10, a Guarda Fiscal d'in-

(1) Depoimento do cabo João Borges da guardo fiscal no 3.º conselho de guerra.

fantaria, o esquadrão de cavallaria da mesma guarda, e o destacamento de cavallaria n.º 6.

Todas essas forças estavam revolucionadas.

É certo que a attitude do destacamento de cavallaria n.º 6 não se definira desde o seu apparecimento como inteiramente revolucionada, e a sequencia dos factos não deixou perceber nitidamente qual fosse o grau de adhesão que aquelle destacamento manifestava á Revolta. Mas tambem é necessario lembrar que nenhuma das forças que, posteriormente, foi designada com a expressão de *fiel*, tomou character definitiva e abertamente hostil ao movimento revolucionario.

Nada melhor o póde demonstrar do que a forma pouco ou, melhor dizendo, nada imperativa como os officiaes, á testa das tropas não revolucionadas, se dirigiam aos commandantes das forças sublevadas. O major Graça, como o sub-chefe d'estado maior Fernando de Magalhães, e pouco depois o coronel d'infantaria 18, Lencastre de Menezes, aconselharam, exhortaram os officiaes e as praças dos regimentos insurreccionados, mas nunca lhes deram ordens, nunca se mostraram adversarios intransigentes da Revolta. O mesmo facto se produz com respeito á Guarda Fiscal.

E a verdade é que, muito mais que outra coisa, correu para a scisão das tropas da guarnição do Porto em tropas revolucionadas e fieis, a circumstancia de aquellas apparecerem apenas sob o commando de um capitão, um tenente e um alferes, que eram pouco conhecidos, ou quasi desconhecidos, na guarnição, ao mesmo tempo que os chefes civis, só mais tarde, se apresentaram a dirigir o movimento revolucionario.

A essa circumstancia accresceu ainda a de que, entre

os chefes civis, só o dr. Alves da Veiga dispunha de prestigio, merecendo, ao contrario, uma geral e decidida antipathia, por parte dos officiaes do Porto, Santos Cardoso, <sup>(1)</sup> que, na *Justiça Portugueza*, como se referiu na primeira parte d'esta obra, usava para com os officiaes a linguagem mais desabrida, as mais irreverentes expressões.

Sobre a sahida do destacamento de cavallaria n.º 6 cerrara-se o portão da Lapa do quartel d'infantaria 18 e

---

(1) Com o auctor, Manoel Coelho, conversou um dia um official a respeito de Santos Cardoso. Essa conversação, que convem deixar aqui exarada, patenteia até que ponto Santos Cardoso, que, aliás, tantos serviços prestou ao movimento revolucionaria, difficultava a aggremação de officiaes para a Revolta.

O auctor entrou uma noite no Caffé Central e pouco depois um dos criados do Caffé veio dizer-lhe que official de que se trata desejava fallar-lhe: que tinha sahido, mas que talvez voltasse ainda n'essa noite.

Não voltou. Na noite, seguinte, contudo encontraram-se no Caffé.

Depois de ligeiros preambulos disse esse official ao auctor:

— Ha trez ou quatro dias, foi procurar-me a minha casa o Santos Cardoso, que me falou de trabalhos preparatorios de uma revolução. Ia despedil-o, sem o attender, quando pronunciou o teu nome. Não tomei com elle o menor compromisso, nem tomarei, mas desejo dizer-te que, não teria duvida alguma em associar-me a um movimento militar no sentido de que se falla, com a condição porém de que o Santos Cardoso não tivesse nada de commum com esse movimento.

Respondeu-lhe o auctor que, com effeito Santos Cardoso não era chefe, mas apenas um auxiliar valioso como alliciador: que os officiaes não podiam directamente interferir junto dos soldados para a sublevação dos corpos; que tambem não convinha que os officiaes se entendessem directamente com os sargentos para esse effeito, porque isso seria um compromisso de indisciplina que podia ser prejudicialissimo, no caso de que o movimento não viesse a effectuar-se; que Santos Cardoso se incumbira d'essa tarefa, e assim não devia pôr-se de parte o seu valioso concurso.

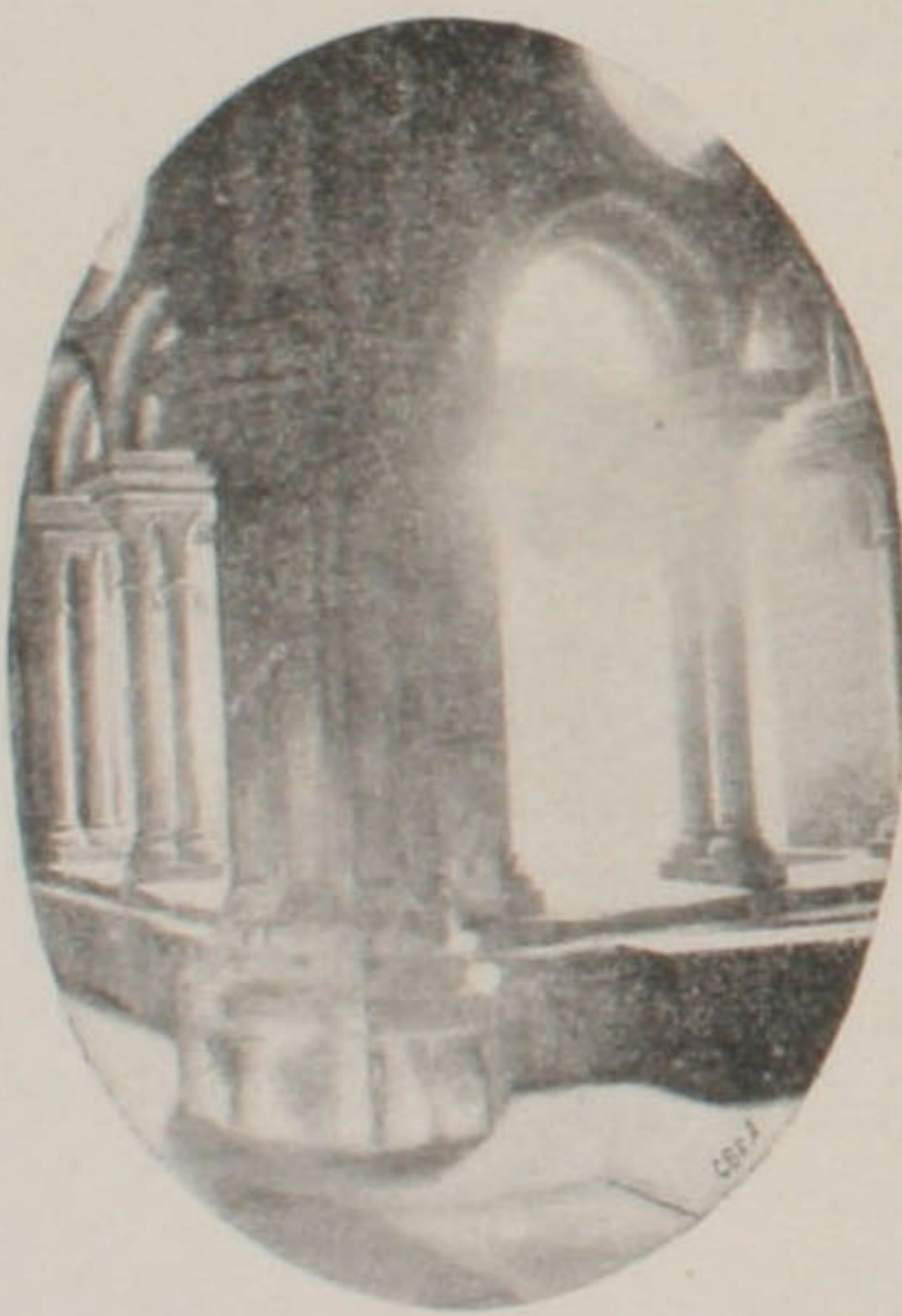
— Seja assim, replicou, o interlocutor de Manoel Coelho; mas isso não me demove das minhas intenções e, affirmo-te que se Santos Cardoso apparecesse como chefe no movimento revolucionario eu seria contra elle e não a seu favor.

as tropas reunidas no Campo de Santo Ovidio debalde esperaram que esse regimento, deixando o quartel, viesse juntar-se-lhes.

Foi um momento de anciedade.

Ignorava-se o que se passava no Quartel General e na Estação telegraphica. Estava-se á mercê da resolução que viesse a adoptar o regimento d'infantaria n.º 18, que parecia ser o fulcro sobre o qual toda a acção revolucionaria teria de girar.

Por isso as tropas sublevadas permaneciam no campo de Santo Ovidio, embora fosse evidente que era necessario pôr termo a essa espectativa que ameaçava eternisar-se.







## CAPITULO XIV

A h6ra adiantava-se e n6o se tomava decis6o nenhuma sobre a attitude que as for7as revolucionarias tinham que tomar.

Para o Campo de Santo Ovidio convergia nma grande massa da popula76o da cidade que juntava os seus vivas aos das tropas.

A animi76o era enorme.

Todavia as avenidas do Campo estavam tomadas pela Guarda Municipal, e, na embocadura da Rua do Almada, estava o commandante da divis6o acompanhado por parte do estado maior.

J6 por occasi6o da chegada do regimento de ca7adores n.º 9 o major Gra7a tentara demover o alferes Malheiro da delibera76o que tomara de apoiar a revolu76o.

Eguaes tentativas fizera o sub-chefe d'estado maior

Fernando de Magalhães junto do capitão Leitão e do tenente Coelho.

As forças revolucionarias estavam decididas a levar até o fim o seu proposito de expulsar a monarchia; era inutil insistir.

A Guarda Municipal mesmo não podia inspirar confiança aos seus commandantes. Às reuniões havidas antes do dia 31 de janeiro concorreram muitos cabos e soldados da Guarda Municipal, e dos sargentos, alguns, estavam ao par dos trabalhos revolucionarios.

Se não fôra a falta de ordem no commando e direcção do movimento revolucionario ter deixado que as autoridades e os chefes militares superiores da guarnição pudessem resolver e pensar friamente sobre a situação, pondo em evidencia as poucas probabilidades de exito que a Revolta viesse a ter, a Guarda Municipal não viria a constituir, de modo nenhum, um perigo para a revolução. Podia até contar-se com o seu concurso.

Isso explica a razão por que nem o major Graça nem o commandante da divisão se decidiram a mandar fazer fogo sobre as tropas insurreccionadas reunidas em massa no Campo de Santo Ovidio.

Com effeito a Guarda Municipal tinha fechado todas as ruas que terminam no Campo de Santo Ovidio. Em pequeno numero que fossem podiam, com fogos crusados em todos os sentidos, varrer o Campo. As forças revolucionarias, tacticamente mal dispostas, difficilmente poderiam deffender-se, e antes se prejudicariam grandemente entre si. O regimento de infantaria n.º 18, intervindo n'essa lucta, decididamente, teria, com a Guarda Municipal, posta um termo immediato á sublevação.

Não se fez assim, porque nem a Guarda Municipal

nem infantaria 18 inspiravam confiança aos officiaes que os commandavam. De resto, esses mesmos officiaes não se mostraram ardentes defensores das instituições, suspeitando vagamente que o movimento republicano tinha uma importancia bem grande para que se decidissem a hostilisa-lo abertamente.

Tivesse o movimento militar chefes de graduação mais elevada, tivesse, mesmo assim, commandado apenas por um capitão um tenente e um alferes, adoptado um plano mais judicioso, uma attitude mais energica logo desde os primeiros passos, e a opposição que encontrava seria nulla. Todas as forças adheriam sem difficuldade.

Quiz, porém, o espirito que preside ás grandes transformações das sociedades, a força intermolecular que rege a dynamica social, que a revolução republicana em Portugal fosse vencida. Era cedo talvez para que um facto de tal importancia viesse a desviar a nação portugueza do trajecto que tem a percorrer na desenvolução do seu papel historico. Era muito cedo para o advento da Republica. Todas as immensas e pesadissimas responsabilidades que o velho regimen accumulára difficilmente os supportariam os debeis hombros da Republica nascente. Seriam depois attribuidas ao novo regimen todos os desastres financeiros, economicos, moraes que a monarchia criara e que hoje são o cancro que a corróe, que a dissolve numa putrefacção mortal.



Os ESTUDANTES NA REVOLTA  
Cunha e Costa

Continuemos, porém, a narrativa dos acontecimentos.

Deixemos ao major Graca expor a maneira como desejou fazer retirar para o seu quartel o regimento de caçadores n.º 9:

«A's 2 horas e meia da madrugada ouvira o toque de *bota-sellas*. Corre a perguntar o que era e sabe que se havia dado a revolta em caçadores 9, e, quando para alli se dirigia, já aquelle corpo insurrecto tinha marchado para o campo da Regeneração. Para alli se dirigiu também e os revoltosos fizeram-lhe a continencia. Perguntá-ra-lhes o que faziam. Responderam-lhe que estavam alli por ordem superior.

«Chamára o commandante duas vezes e em voz alta, apparecendo então o alferes Malheiro que, ao vê-lo, abateu a espada. Intimára o alferes a que fizesse regressar as forças sublevadas a quartéis. Aquelle official respondera: «Agora é já tarde», ao que elle depoente redarguiu: «Ainda não é tarde». Ouvira um cabo dizer para elle, depoente: «Se é militar, eu tambem o sou; se é portuguez igualmente o sou; mas não posso soffrer esta tyrannia por mais uma hora». Elle bradára: «Querem então que haja derramamento de sangue, e sangue portuguez, n'estes dolorosos momentos por que está passando a patria?! Pois seja.»

«N'esse momento um paizano qualquer ia para arengar as tropas, chegando ainda a dizer: «Soldados!», mas que algumas vozes sahidas d'entre os militares se fizeram ouvir n'estes termos: «Cale-se; aqui só os militares téem voz activa». Seguirá para a rectaguarda do quartel com as forças com que sahira do Carmo, collocando a infantaria na rua da Lapa e a cavallaria na rua de Germalde,

para não deixarem passar ninguém e seguira a dar ordens ao quartel de S. Braz.

«Quando de regresso ouvira vivas sediciosos no quartel de Santo Ovidio e pôde verificar que já se achava no campo, infantaria 10, commandada pelo capitão Leitão.

«Pouco depois, dava pela chegada da cavallaria da



GRUPO DE EMIGRADOS EM HENDAYA

guarda fiscal e em seguida apparecia a infantaria d'essa mesma guarda, completamente insubordinada, aos gritos de «Viva a republica.»

«Dando-lhes voz forte de *sentido*, elles obedeceram e seguiram-o; mas a certa altura, desobedeceram-lhe, voltando ao anterior estado anarchico.

«N'essa occasião o proprio 2.<sup>o</sup> commandante da guarda fiscal, que appareceu, não pôde conter esses amotinados. Pouco depois, vê irromper da porta do quartel de Santo Ovidio, do lado da Lapa, o destacamento de cavallaria 6 e soldados de infantaria 18, n'um grande tro-

pel, dando vivas á republica. Vendo então tudo perdido, resolvera mandar unir e regressára com as forças do seu commando ao quartel do Carmo, a fim de se municiares e sahirem encorporadas; o que fez com quatro companhias e a cavallaria, indo formar no largo da Batalha em columnas de companhia.» (1)

Note-se que o major Graça prevenido desde a vespera de que uma insubordinação militar se planeava, e, sabendo, antes de dirigir-se para o Campo de Santo Ovidio, que o regimento de caçadores n.º 9 já para alli se dirigira não fizera minuciar as suas tropas. E' manifestamente absurdo pensar que o major Graça só com o prestigio dos seus galões ou com o poder da sua elequencia pudesse fazer desistir as tropas insurreccionadas de conservar-se firmes na resolução de proclamar a Republica. A verdade é que elle, como toda a gente, sentia esboroar-se sob os seus pés o pedestal em que as instituições assentavam, e ia esperando o desenvolvimento dos successos.

O sargento Abilio disse:

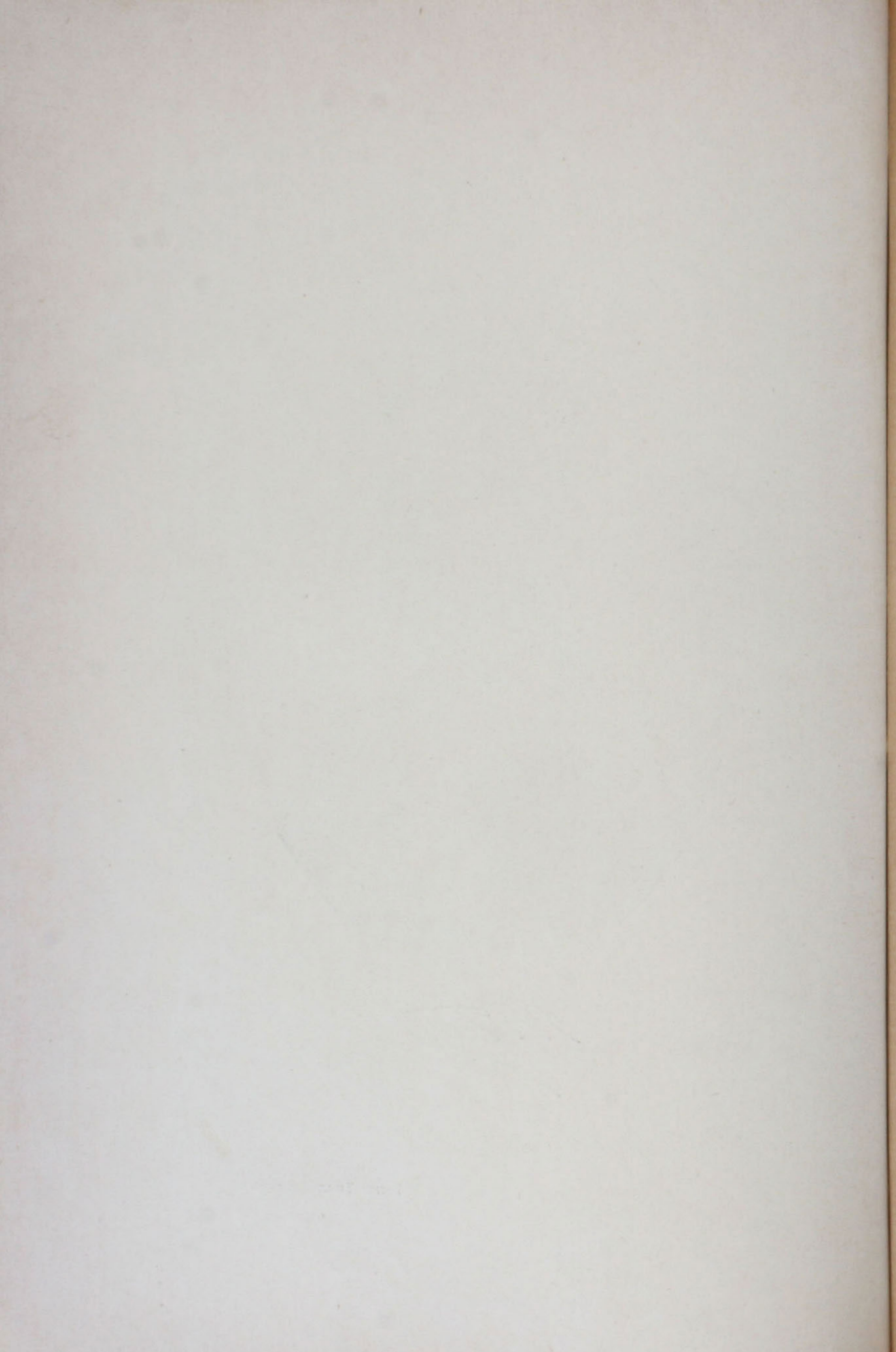
«Dirigimo-nos, pois, para o campo da Regeneração e alli nos conservámos algum tempo. Apareceu em primeiro logar uma pequena força da guarda fiscal, que se juntou a nós, e em seguida uma força da guarda municipal, que formou em atiradores, comparecendo depois um piquete de cavallaria da mesma guarda. Julgamos n'aquelle momento que a municipal nos viesse atacar e por isso formámos logo em quadrado, promptos para qualquer eventualidade e dispostos a repellir qualquer aggressão. N'este instante appareceu o regimento d'infan-

(1) Depoimento do major José Maria da Graça, da guarda municipal, no 1.º conselho de guerra.



*B. Telles*

BAZILIO TELLES (em 1898).





taria 10 e a cavallaria da guarda fiscal, ao que presumo hoje, a guarda municipal, com receio retirou.» (1)

Declara tambem o sargento Nunes:

«Foram os primeiros a chegar (caçadores 9). Com receio de qualquer surpresa, o regimento formou em quadrado. Ouvia-se barulho e vivas dentro do quartel do 18. Passava meia hora que estavam no campo, appareceu a galope o esquadrão de cavallaria 6, do lado da Lapa, agitando as espadas e collocou-se á frente do quartel. A principio suppoz-se que fizesse parte dos sublevados; viu-se depois que não. Viu chegar o major Graça, e viu-o tambem fallar com o alferes Malheiro, a pedir para que retirassem as forças para o quartel. O alferes não accedeu. Então o major bradou ás praças: «Ide para o vosso quartel». Fallou alto e devia ser ouvido.» (2)

Continuavam estacionadas as forças insurrecionadas no Campo de Santo Ovidio, cercadas pela guarda municipal, sem que d'uma ou outra parte se fizesse qualquer demonstração hostil.

Entra no Campo, a cavallo, o sub-chefe d'estado maior da divisão Fernando de Magalhães, vindo do lado da Rua do Almada.

Dirige-se á força revolucionaria que lhe ficava mais proxima, o 2.º pelotão d'infantaria n.º 10. O commandante d'essa força, tenente Coelho, dá a voz de — *braço armas* —, como continencia áquelle official, que lhe pergunta:

— Quem é o commandante d'esta força?

---

(1) Depoimento do sargento Abilio, no 1.º conselho de guerra.

(2) Depoimento do sargento Manoel da Silva Nunes, no 1.º conselho de guerra.



OS ESTUDANTES NA REVOLTA  
Arnaldo Bigotte

O tenente Coelho, diz-lhe o seu nome e graduação e o regimento a que pertence.

— Que estão a fazer aqui? Mande retirar essa gente para o quartel. Os snrs. são uns doidos, replica o subchefe d'estado maior.

— Não é possível responde o tenente Coelho. Estou sob as ordens de um capitão do meu regimento, e, tendo sahido do quartel insurreccionado para proclamar a

Republica já é tarde para recuar.

— Quem é esse capitão que commanda o seu regimento?

— O capitão Leitão, que está commandando o 1.º pelotão.

— E onde está elle?

Indicou-lhe, o tenente Coelho, o lugar onde estava formado o 1.º pelotão. O sub-chefe d'estado maior dirigiu-se para esse lugar.

Fallou com o capitão Leitão, certamente, em termos identicos áquelles com que se dirigira ao tenente Coelho, pois que o cabo Mancellos, d'infantaria 10, interrogado pelo auditor do 2.º concelho de guerra, respondeu:

«... o snr. sub-chefe (Fernando de Magalhães) disse para o snr. capitão Leitão: — «Mande recolher essa pobre gente, a quem está a comprometer»; — e o snr. capitão respondeu-lhe: «— D'aqui não sahe ninguem. A carta está jogada; vamos até ao fim.» — Os sargentos tambem disseram: — «Quem sahir d'aqui vae tocado a fogo.» (1)

(1) Depoimento do cabo Antonio Mancellos, d'infantaria 10, no 2.º concelho de guerra.

Seguiu depois para o lado do quartel d'infantaria n.º 18, onde estava formado o regimento de caçadores n.º 9 e dirigiu-se ao alferes Malheiro, aconselhando-o egualmente a que retirasse com o regimento.

Em caçadores n.º 9 como em infantaria 10 o sub-chefe d'estado Maior foi saudado como legitimo superior.

O sargento Abilio, no seu interrogatorio, respondendo á pergunta feita pelo auditor sobre se o major Graça e o sub-chefe d'estado maior da divisão deram ordens para o regimento de caçadores n.º 9 retirar para o quartel, responde:

«Se se deram ordens terminantes a tal respeito, foram communicadas ao sr. alferes Malheiro e não a nós, que nada soubemos. E devo accrescentar que não houve um só soldado que faltasse ao respeito ao sr. tenente-coronel Fernando de Magalhães, quando elle appareceu no campo. Ouvi até este official dizer: — «Matem-me se querem; mas estou no meu posto.» (1)

Ora se o sub-chefe d'estado maior da divisão tivesse ordenado formalmente aos chefes militares da Revolta que se retirassem do Campo de Santo Ovidio com as suas forças não teria sido obedecido, e ter-se-hia exposto inutilmente a esse dissabôr. Preferiu aconselhar. Mais valeria, n'aquellas circumstancias, impôr o prestigio da sua personalidade que a superioridade da sua graduação.

Eis porque o capitão d'infanteria n.º 10, Silva Dias, depondo, como testemunha, á interrogação formulada pelo promotor de justiça, a respeito de os revoltosos se recusarem a obedecer á voz do tenente-coronel, Fernando de Magalhães, responde:

---

(1) Depoimento do sargento Abilio no 1.º conselho de guerra.

«Eu ouvi dizer a muita gente que o sr. Fernando de Magalhães não fez uma intimação cathégorica aos revoltosos, para estes retirarem.»

O promotor insiste ainda com o mesmo official:

«A testemunha disse ha pouco que o tenente-coronel Fernando de Magalhães não déra uma ordem cathégorica aos revoltosos, para estes retirarem. Não lhe parece que, attendendo ás circumstancias, uma tal ordem representaria um perigo para quem a dêsse?»

«*Testemunha* — Eu não teria duvida alguma, como superior, em dar uma ordem d'essas, fosse em que circumstancias fosse.

«*Prom.* — Mas v. ex.<sup>a</sup> porque é que estranha que o sr. Fernando de Magalhães não fizesse uma intimação cathégorica aos rebeldes? Um simples pedido não seria o mesmo?»

«*Test.* — Eu entendo que ha uma grande differença entre uma simples exhortação e uma intimação em ordem. (3)

Com effeito, nem o major Graça nem o sub-chefe d'estado maior intimaram a ordem formal aos revoltosos para retirarem. O tenente coronel Fernando de Magalhães desistira de fallar ao commandante do esquadrão de cavallaria, que julgava insurreccionado, porque de outro modo ter-lhe-ia dado ordem para o acompanhar ou para ir occupar qualquer posição differente d'aquella em que se mantinha.

Não era, em verdade, muito persumivel que o esquadrão de cavallaria 6 não estivesse apoiando os insurrectos, porque a maneira como abandonou o quartel d'infan-

(3) Depoimento do capitão d'infantaria n.º 10, Antonio da Silva Dias, no 2.º conselho de guerra.

taria 18 em que estava alojado, e a forma como executou o trajecto até vir collocar-se em frente ao edificio do quartel, no Campo de Santo Ovidio, podiam dar logar a diversa interpretação.

O 1.º sargento Thadeu Gonçalves de Freitas affirmou no conselho de guerra em que respondeu, como implicado no movimento militar de 31 de janeiro, que ;

«Ouvii o tenente Coelho fallar com um tenente de cavallaria e este dizer-lhe que a cavallaria estava prompta.» (1)

Deu esta declaração do 1.º sargento Freitas logar a uma acareação entre elle e o tenente Vaz Monteiro de cavallaria 6, cujos principaes incidentes passamos a expôr :

« Auditor — O réu Thádeu Gonçalves de Freitas na occasião em que hontem respondia ao interrogatorio que lhe foi feito n'este conselho, disse que v. ex.<sup>a</sup>, encontrando-se com elle, na madrugada do dia 31 de janeiro,



FACHADA DO QUARTEL DE S. BENTO, NO PORTO  
Onde estava alojado o regimento de caçadores n.º 9

(1) Depoimento no 1.º sargento Thadeu Gonçalves de Freitas, d'infantaria n.º 10, no 2.º conselho de guerra.

no campo da Regeneração, lhe dissera que o esquadrão de cavallaria 6 estava para sahir, achando-se já prompto. Póde v. ex.<sup>a</sup> dizer-me o que ha de verdade a este respeito?

«*Tenente V. Monteiro* — Isso, prevavelmente, foi illusão da parte do sargento a quem v. ex.<sup>a</sup> se refere. Eu, no campo da Regeneração, não fallei com sargento nenhum, tenho a plena certeza d'isto; por isso, não fallei tambem a esse réu. E' illusão d'elle; não póde deixar de ser. Esta é que é a verdade por...

«*Aud.* — E com o tenente Coelho?

«*Tenente Monteiro* — Tambem não fallei com elle.

«*Aud.* — De fórma que v. ex.<sup>a</sup> affiança que é falso o que disse ao conselho o sargento Thadéu Gonçalves de Freitas. sobre ter v. ex.<sup>a</sup> dito a esse réu que o destacamento de cavallaria 6 acompanharia os revoltosos, estando já prompto para sahir?

«*Tenente Monteiro* — Affianço que tal cousa não disse nem a podia dizer. O esquadrão seguia lá os revoltosos! Nada; eu não fallei com similhante sargento, nem disse essa cousa.» (1)

No dia seguinte Vaz Monteiro comparece no tribunal para ser acareado com o sargento Freitas:

«*Aud.* — O senhor disse, effectivamente, que não fallára com o tenente Coelho.

«*O Tenente Monteiro* — Então foi engano meu. Eu fallei, effectivamente, ao tenente Coelho, quando, a pedido do sr. commandante de infantaria 18, fui vêr quaes eram as forças que estavam no largo da Lapa. O sr. coronel

(5) Acareação entre o 1.º sargento Thadeu Gonçalves de Freitas e o tenente de cavallaria 6 Ricardo Vaz Monteiro, no 2.º conselho de guerra.

dissera-me que os revoltosos não deixavam entrar os officiaes no quartel, e que desejava saber quaes as forças com que os revoltosos contavam. Não tive duvida alguma em acceder a este pedido, e fui.

«*Prom.* — Peço ao sr. auditor que lhe pergunte se elle póde precisar, ao certo, as palavras de que se serviu o sr. coronel do 18.

«*Aud.* — O senhor póde responder áquella pergunta?

«*Tenente.* — O sr. coronel disse-me que desejava saber se as forças que alli estavam, em Santo Ovidio, eram ou não do lado dos revoltosos. Observou-me que elle, coronel não ia, porque temia ser preso pelos revoltosos, pelo facto de ser commandante do regimento. Chegando ao pé do regimento de infantaria 10, perguntei se aquella força tinha official, sendo-me respondido que sim: era o tenente Coelho. Cheguei-me a esse official e perguntei-lhe se estava do lado dos revoltosos, respondendo-me affirmativamente. Não sei se me servi d'aquellas palavras; mas o que é certo é que lhe perguntei de que lado estava. Depois d'elle me responder, disse-lhe que estava em má situação, ou que tinha dado um passo errado. Elle respondeu: «O passo está dado; agora tenho de seguir.»

«*Aud.* — Disse ao coronel que se o regimento era de revoltosos?

«*Tenente* — Disse. Agora do que eu não fallei a ninguém, foi do destacamento de cavallaria; eu estava dentro do quartel, não sabia o que passava.

«*Aud.* — O senhor (*dirigindo-se ao sargento*), quando foi interrogado, como réu, fez umas referencias ao sr. tenente Vaz Monteiro, queira respeit-las.

«*O sargento* — Eu disse que, estando no campo da Regeneração com o meu regimento, se chegou ao pé de



SOUZA PAULA  
Negociante no Porto

mim aqui o sr. tenente (*apontando para o sr. Vaz Monteiro*), que perguntava pelo commandante da força. Eu pedi-lhe o *santo* e elle respondeu-me immediatamente: «Henrique». Deixei-o então entrar para dentro do quadrado, estando elle alli um bocado a conversar com o sr. tenente Coelho, ouvindo-lhe eu então dizer que o destacamento de cavallaria estava prompto e vinha já. Effe-

ctivamente, passados momentos o destacamento sahiu a toda a brida, e eu fiquei julgando que elle estava do nosso lado, ao ouvir dar vivas á...

«*Aud.* — Então a cavallaria dava vivas?

«*O sargento.* — Eu julgo que sim; é verdade que estava muito escuro, mas eu, se não vi, ouvi em todo o caso, os vivas.

«*Aud.* — Mas isso é o contrario do que todos aqui teem dito; todos asseguram que o destacamento, ouvindo os vivas dos populares, se conservou silencioso.

«*O sargento.* — Eu não sei; mas pareceu-me que elles tambem davam vivas.

«*Aud.* — Então o sr. tenente deu-lhe o *santo*?

«*O sargento.* — Elle esteve fallando com o sr. tenente Coelho...

«*Aud.* — O que lhe pergunto é se elle lhe disse a palavra «Henrique», quando o senhor lhe perguntou o *santo*.

«*O sargento.* — Disse, sim, senhor. Quando elle se



retirou, o sr. tenente Coelho contou-nos o que elle dissera, e que nós já ouvimos: que a cavallaria ia sahir, que só faltava abrir a porta. Não fui eu só a ouvir isto; ouviram-o muitos dos meus collegas, e entre elles, um sargento que, como eu, está preso.

«*Aud.* — Mas o sargento ouviu isso ao sr. tenente Vaz Monteiro, ou foi por o ouvir dizer ao tenente Coelho?»

«*O sargento.* — Nós estávamos em absoluto silencio; elles fallavam baixo, mas ouvia-se o que diziam; nós ouvimos a seguinte phrase: «Eu estou prompto, o esquadrão vae sahir. O diabo é a porta, que não está aberta.»

«*Aud.* — Mas o réu ouviu claramente que o sr. tenente dissesse essas palavras?»

«*O sargento.* — Eu ouvi dizer isto; certamente foi o sr. tenente que o disse, talvez em resposta a alguma pergunta do sr. tenente Coelho?»

«*Aud.* — Mas eu quero que me responda positivamente: ouviu ou não ouviu?»

«*O sargento.* — Então, se quer, eu direi que não ouvi. Elles estavam juntos; eu ouvi aquellas palavras; qual d'elles as proferiu não sei; creio que foi o sr. tenente Vaz Monteiro, mesmo porque o sr. tenente Coelho confirmou o que eu ouvira.

«*Aud.* — Mas não seria a sua vontade de que tal facto se desse que o levaria á supposição que ouvira taes palavras?»

«*O sargento.* — Não, senhor; eu não sou assim tão pouco intelligente...



2.º SARGENTO DE CAÇADORES N.º 9  
PEREIRA  
(Emigrado em Hespanha)

«*Aud.* — Eu não discuto que o senhor seja intelligente; o que eu quero saber é se ouviu.

«*O sargento.* — Eu se não contasse com a adherencia de todas as forças, não me mettia n'uma cousa d'estas.

«*Aud.* — Mas então está certo de ter ouvido aquellas palavras?

«*O sargento* — Eu estou convencido; estou certo. . . quasi posso affirmar. . . Que ouvi a phrase não tenho duvida alguma, e, certamente, ella foi proferida pelo sr. tenente Vaz.

«*Aud.* — Mas ella foi proferida em tom de pergunta ou resposta?

«*O sargento* — Eu julgo que foi resposta; quasi posso affirmar. . .

«*Aud.* (*dirigindo-se ao tenente Vaz Monteiro, que se tem conservado impassivel, embora um pouco pallido*) — Que tem a dizer a este respeito?

«*Tenente Monteiro* — Isso é tudo falso; (*com energia*) completamente falso! Eu não conhecia santos nem senhas, nem Henriques nem nada. . . Não disse nada, absolutamente nada, sobre a sahida do destacamento. Isto é simplesmente revoltante! A cavallaria não deu vivas alguns; é tudo falsissimo.

«*Prom.* — Peço para perguntar ao réu quem lhe deu o santo e senha de que se serviu em Santo Ovidio.

«*O sargento* — Foi o sargento que foi á reunião preparatoria e que trazia o plano. . .

«*Presidente* — Da revolta?

«*O sargento* — Sim, senhor.

«*Prom.* — Quaes foram as praças que ouviram o sr. tenente dar o *santo*?

«*O sargento* — Eram muitas, que eu poderei indicar, sendo preciso. Agora só me lembro do sargento Rodrigues.

«*Prom.* — Requeiro, por parte do ministerio publico, que se levante auto de noticia das declarações peremptorias feitas pelo sargento Thadeu Gonçalves de Freitas, auto que me deve ser entregue com a maior brevidade, para os fins convenientes.

«*Aud. (para o sargento)* — Então pôde pôr-se no auto que ouviu?

«*O sargento* — Eu tenho quasi a certeza; a consciencia não me accusa de ter feito uma falsa accusação. A voz do snr. tenente Coelho é muito differente da do snr. Vaz; eu conheço perfeitamente a d'aquelle.

«*Prom.* — No auto deve especialmente indicar-se o facto de ter respondido á *senha* e ter dito que o esquadrão estava prompto para sahir. E' isto que eu quero.

«*Aud.* — Pois é por isso que eu lhe pergunto se posso pôr que tem a convicção de que ouviu.

«*O sargento* — Sim, senhor; a minha consciencia fica tranquilla.

«*Aud.* — Então perguntou-lhe a *senha*?

«*O sargento* — Não, a *senha* não; foi o *santo*; na *senha* não lhe fallei. Elle respondeu promptamente: «Henrique». Eu tenho a certeza do que digo; o que eu tenho pena é que não estejam aqui alguns camaradas meus que fugiram, para o affirmarem ainda melhor; escusava eu de arcar com tantas responsabilidades. . . .»

Certamente não ficou demonstrado no conselho de guerra que as declarações do 1.º sargento Freitas fossem completamente verdadeiras, tanto mais que na acareação que se seguiu entre o tenente Vaz Monteiro, o sargento



2.º SARGENTO D'INFANTARIA N.º 18  
MOUTINHO  
(Julgado em conselho de guerra — Trez annos de degredo).

Freitas e o tenente Coelho, este confirmou quasi completamente as declarações do primeiro.<sup>(1)</sup>

A Guarda Municipal retirou, deixando livres as ruas que conduzem ao Campo da Regeneração.

As tropas sublevadas continuavam soltando vivas á Republica, ao exercito, aos corpos da guarnição, á Patria.

A multidão que a cada instante crescia, misturava aos das tropas os seus vivas, n'uma gritaria atroadora.

No rosto d'aquelles que a luz baixa dos candieiros permitia divisar, havia a expressão de uma alegria indefinível. Por vezes os mais entusiasmados, particularmente os estudantes, rompiam as fileiras e vinham abraçar um sar-

(1) Estava o auctor, Manoel Coelho, na camara de ré da corveta *Bartholomeu Dias*, em cujo convez se realisava o conselho de guerra, esperando a cada momento ser chamado para a acareação a que se allude, porque o tenente de cavallaria 6, Vaz Monteiro, ao depôr como sua testemunha de defeza, negara que lhe tivesse fallado no Campo de Santo Ovidio; e, sendo provavel que algum, d'entre os réus, se houvesse referido a esse facto, presumivelmente, a acareação deveria ter logar.

Abriu-se a porta da camara do navio, entrando o capitão de caçadores n.º 5, Dias, (actual commissario de policia, em Lisboa), que disse ao auctor :

— Está preparado ? Então vamos lá cima.

— Alguma acareação ?

O capitão Dias fez com a cabeça um leve movimento affirmativo.

— E' com o tenente Vaz Monteiro, inquiriu o auctor ?

O mesmo ligeiro movimento affirmativo do capitão Dias.

Subiram.

O tribunal funcionava na camara do tombadilho da corveta, os juizes sentados voltando a frente para a prôa. Na parede de ré, dependurado, um largo espelho em que se reflectiam as imagens das pessoas que estavam fallando ao tribunal.

O auctor, sentando-se, via bem a imagem da cabeça do tenente

gento, um official ou um soldado, victoriando-os, acclamando-os. Era tão quente o arrebatamento, tão ardente aquella ruidosa alegria que a doce e consoladora esperanza na victoria revolucionaria penetrava em todos os corações, dissipando vagos receios que a longa inacção das tropas fizera despontar.

Subitamente os dois regimentos d'infantaria n.º 10 e de caçadores n.º 9, que até alli se conservaram formados, este em quadrado e aquelle em circulo, desenvolvem em linha e tomam a formação de marcha a quatro, dirigindo-se para a parte posterior do quartel de Santo Ovidio, e, em frente da igreja da Lapa, estacionam.

Que iam fazer para alli as forças insurrectas?

Invadir o quartel d'infantaria 18 e, de qualquer maneira, arrastar esse regimento para a Revolta.

O portão, porém, estava fechado. Tornava-se necessario forçal-o.

---

Vaz Monteiro reflectida no espelho. Fixou-a insistentemente, embora rapidamente. Todas as suas duvidas consistiam em não saber se o tenente Vaz Monteiro persistia em affirmar que não fallara com elle no Campo de Santo Ovidio. Mas um imperceptivel movimento de cabeça do tenente Vaz Monteiro deu a entender ao auctor que o seu camarada reparara o erro commettido, e que confessara ter-lhe fallado.

Então era facil sustentar a negativa de qualquer affirmação comprometedora para o tenente Vaz Monteiro.

Era certo que o sargento Freitas se enganara em parte do que asseverava ter ouvido dizer ao tenente Vaz Monteiro, mas era tambem certo que o tenente Vaz Monteiro, vindo perguntar ao auctor quem era o commandante das forças revolucionadas, affirmara que a força de cavallaria 6 estava prompta a acompanhar a Revolta.

De resto, o tenente Vaz Monteiro respondera — *Henrique* — quando o sargento Freitas lhe perguntou o nome do *santo*.

Alem d'isso, o auctor communicára a um dos sargentos do seu pelotão que sentia grande surpresa em vêr que o tenente Vaz Monteiro apoiasse o movimento revolucionario, porque, embora os dois fossem amigos de ha muitos annos, nunca tinham conversado em tal assumpto, nunca haviam trocado as menores impressões sobre coisas politicas.

Miguel Verdial diz no conselho de guerra que os populares alvitram abrir o portão incendiando-o, ao que elle se oppoz; que procuravam obter de um serralheiro um machado que elle não pôde ceder, e accrescenta:

«Alguem lembrou então que alli perto havia a casa da bomba. Trouxeram de lá duas machadas, fizeram um rombo na porta, por onde entraram dous populares que tiraram muitas pedras, com que formaram de dentro uma barricada.

«Viu entrar tropas no quartel. Ouviu como que uma lucta e um tiro.

«Suppôz que as tropas iam combater. Conhecia o quartel onde moravam familias, com senhoras e creanças e quiz evitar uma carnificina.

«Disse então aos populares e aos soldados. — «Suspendam, que eu vou lá parlamentar com o coronel.

«Quando se offerecera para isso, fizera-o apenas para evitar desgraças. Uma vez, porem, em frente do commandante do corpo, a sua obrigação era convidal-o a adherir ao movimento.» (1)

Tambem o capitão Eduardo Eugenio Pereira Coelho depõe:

«...os paizanos foram quem arrombaram a porta do quartel do lado da Lapa.

«No quartel não entraram dos revoltosos senão dois paizanos, sendo um o actor Verdial e o outro Santos Cardoso. Este gesticulava e fallava muito, ameaçando a officialidade de ser riscada do exercito, caso não adherisse á Revolta.» (2)

(1) Depoimento de Miguel Henriques Verdial, no 1.º conselho de guerra.

(2) Depoimento do capitão d'infantaria 18, Eduardo Eugenio Pereira Coelho, no 2.º conselho de guerra.



2.º SARGENTO DE CAÇADORES N.º 9  
ROCHA

(Emigrado em Hespanha)

Aberto o portão da Lapa, a multidão vae vagarosamente penetrando no quartel.

O capitão Leitão depois de fallar ao tenente Coelho, <sup>(1)</sup> dirige-se tambem para alli.

Do que então se passa no quartel d'infantaria 18 dá ideia o que alguns réus, o coronel do regimento e varios officiaes declaram nos conselhos de guerra.

Comecemos pelo testemunho do capitão Sarsfield. Disse elle:

«O coronel mandou o sargento-ajudante saber que forças estariam no campo e ordenou que todos os officiaes fossem ás suas companhias.

«A testemunha foi e mandou levantar, armar e formar a sua companhia.

«Não lhe faltou ninguem.

«N'isto, ouve-se alarido e algazarra na parada do quartel. O motim durou algum tempo, sem a testemunha poder avaliar a importancia da insubordinação, visto o nevoeiro ser tão denso que nada deixava vêr para a parada.

«A testemunha ouviu um toque de corneta — *infan-*

(1) Quando as forças estacionaram no largo da Lapa, o capitão Leitão dirigiu-se a Manoel Coelho, e pediu-lhe para ir fallar ao coronel d'infantaria n.º 18, convidando-o a adherir ao movimento revolucionario. Recusou-se o auctor, dizendo ao seu camarada que a elle, por ser o mais graduado, incumbia essa missão delicada; que, alem d'isso, não conhecendo o plano da Revolta e sendo um simples tenente, desconhecido na guarnição, seria inefficaz a sua palavra para resolver um coronel, de resto rodeado pela maioria dos officiaes do seu regimento, a acceder ao seu convite.

*taria 18, avançar* — que julgou legitimo, e avançou com a sua companhia.

«Confessa que n'esta occasião podia ter fuzilado os revoltosos; não o fez por duas razões: a 1.<sup>a</sup> porque receiou que as suas balas, penetrando na porta em frente da qual estavam os insubordinados, fossem matar alguns officiaes, e até, talvez, o proprio coronel, que por ventura estivessem no corredor que essa porta fecha, como realmente estavam; a 2.<sup>a</sup> porque só em caso extremo, só para salvar uma desgraça maior imminente é que, sem ordem superior, deveria a testemunha empregar uma medida d'esta natureza, que poderia ter annullado todo o plano do commandante.

«Portanto, reflectindo a testemunha, resolveu expôr a sua pessoa só, e avançou para os revoltosos e ordenou-lhes que se mettessem em fórma. Elles obedeceram á testemunha e formaram na parada depois de ter desarmado bayoneta, tambem por ordem da testemunha. N'esta occasião um sargento, que julga ser o sargento Lima, levanta o grito de *traição* e a maior parte dos revoltosos fogem á carreira e arrombam a porta do lado da Lapa, sahindo.

«Ainda assim não foram todos. Algumas praças da 5.<sup>a</sup> companhia, embora poucas, ficaram unidas á companhia da testemunha.

«Como cabeças de motim dentro do quartel, a testemunha affirmou do modo mais positivo que foram os sargentos Ribeiro, Lima, Gomes e o correeiro.

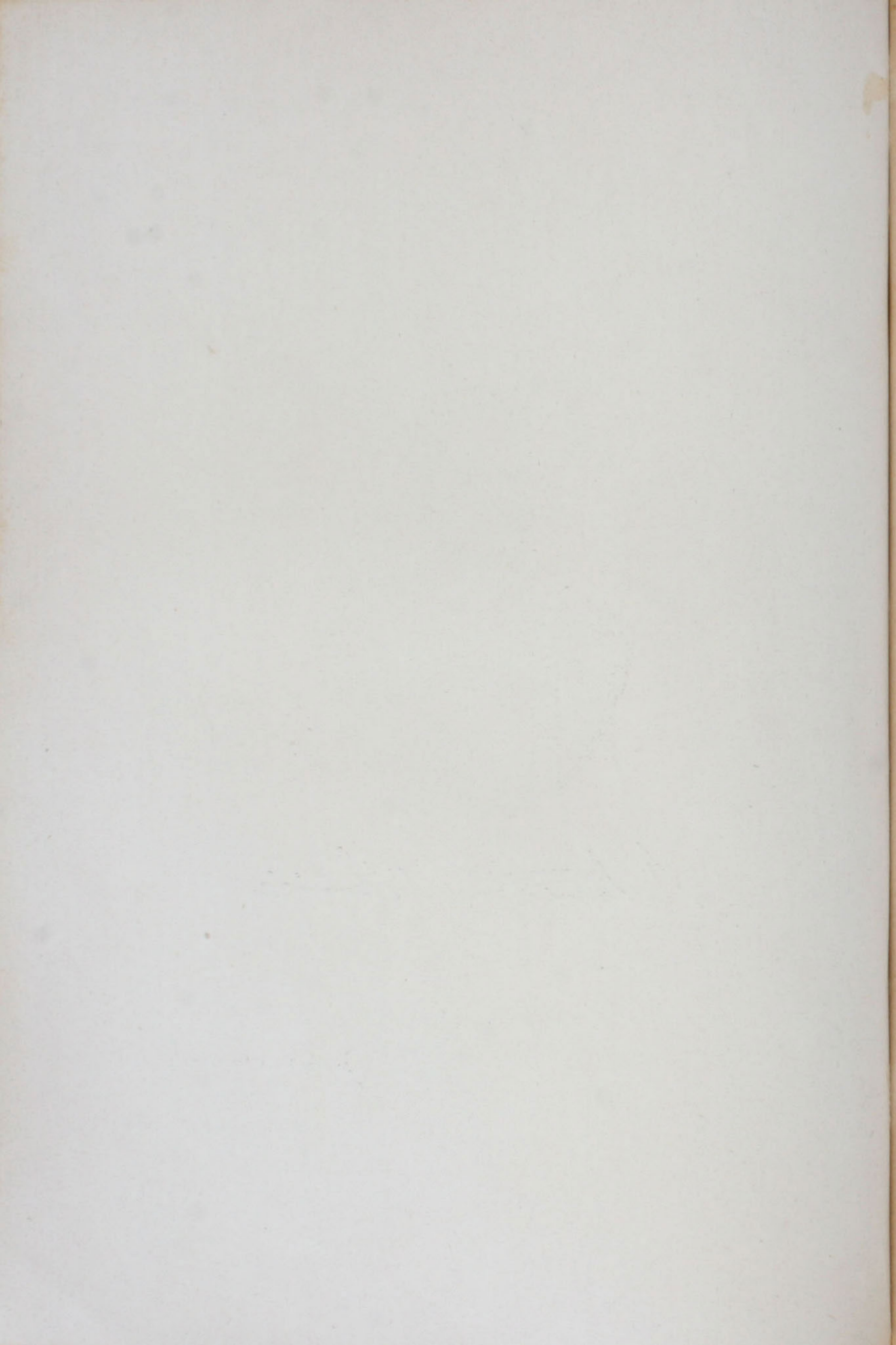
«O sargento Hermenegildo da Silva, embora dentro do quartel não tivesse praticado a menor violencia nem acto algum de indisciplina, conservando-se unido e firme sempre com a companhia, comtudo fugiu tambem ao grito de *traição*.





Antonio José d'Almeida

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA (em  
1895)



«Mais tarde o coronel mandou formar o regimento e viu-se então que os revoltosos eram apenas em numero de vinte e tantos, havendo entre elles praças estranhas ao regimento e que estavam addidas.

«*Promotor*—Sabe se o commandante empregou ou



GRUPO DE EMIGRADOS EM MADRID

tentou empregar alguma medida para combater a revolta?

«*Testemunha*—Sei, sim senhor. O coronel commandante tentou romper fogo do quartel para o campo de Santo Ovidio, unico lado em que o edificio póde ser defendido, embora mal.

«Esse fogo seria por descargas e em andares, devendo depois carregar o esquadrão de cavallaria 6 que estava fiel, (!) formado em linha em frente do quartel (frente principal).

«A unica razão que o demoveu d'este intento foi o saber que no campo tambem estava formada a guarda municipal e o justo receio de que, sendo tropas fieis, fossem tambem fuziladas.

«*Prom.* — Queira continuar.

«*Test.* — Como o coronel resolvesse, em face da incerteza e confusão em que tudo estava, manter-se no seu posto, conservando-se apenas na defensiva até receber ordens do quartel general, as companhias foram pos-tar-se nas suas respectivas paradas.

«Vi, mais tarde, era quasi manhã, seriam mais de 6 horas, o coronel fallando com um individuo, que soube depois ser o actor Verdial. D'ahi a pouco chegou o réu Santos Cardoso, com ares de chefe da revolta e até tratando mal o actor Verdial e disse: *A esta hora estão 44 regimentos sublevados, o telegrapho na nossa mão, o rei a embarcar; não queira ser v. exc.<sup>a</sup> a unica nota discordante.* — Ao que o coronel respondeu com a maior firmeza e dignidade, affirmando que do seu quartel só sahiria ou morto, ou para combater pela ordem e pela legalidade.

«Interrogada a testemunha sobre o facto de se ter dito que o snr. alferes Correia tinha feito espalhar n'essa madrugada, no quartel, um boato que é aliás bastante compromettedor para elle alferes — disse: que não sabe se é verdadeiro esse facto, porquanto nada ouviu da bocca do snr. alferes Correia. Ouviu mais tarde fallarem n'isso, mas não tem dado algum para o suppôr verdadeiro». (1)

(1) Depoimento do capitão d'infantaria 18, Alexandre José Sarsfield, no 2.º conselho de guerra.

O alferes Corrêa depõe:

«Eu era official de rancho, estava na cosinha, e, ouvindo grande vosearia, fui ver o que era; vi então approximar-se da porta do quartel, pelo lado da Lapa, uma força, trazendo á frente um official que não pude reconhecer. Tambem vi alli muitos populares, que cercavam o commandante. Nem o povo nem a força, porem, praticaram qualquer violencia. Os paizanos avançaram até proximo ás casernas da cavallaria e a força ficou um pouco atraz. Na parada era enorme a coufusão; ninguem se entendia; de alguns grupos de soldados partiam vivas á Republica.

E depois «... Eu estava com cuidado sobre a sorte da minha familia, pois temia que ella sahisse de casa; fui, por isso, lá. Quando ia a sahir encontrei-me com o tenente Lopes e com o alferes Santos, e, como fosse enorme a anciedade de que estavamos possuidos, perguntamos uns aos outros que noticias havia. Eu disse n'essa occasião que me parecia que o regimento ia sahir, porquanto, tanto os populares como a tropa estavam a gritar:— «Viva o commandante do 18!» — «Viva o coronel!» Quando voltei ao quartel, a confuzão era ainda maior; alguns soldados sahiam do quartel, ninguem se entendia. N'essa occasião vi sahir um cabo e tres soldados, sendo estes commandados por aquelles». (1)

Declara ainda o capitão Leitão:

«O barulho no quartel era extraordinario. Fui alli com a minha força, pelo lado da Lapa; a esse tempo já sahira a 1.<sup>a</sup> companhia do 18 e parte de outra. Os paisa-

---

(1) Depoimento do alferes d'infantaria 18, José Guilherme Corrêa, no 2.<sup>o</sup> conselho de guerra.

nos tinham arrombado a porta; vi chegar alguns musicos do 10, que me disseram não trazerem o bombo e me pediram para o solicitar do 18,—«Não trato d'isso»— respondi.

«No corredor da entrada do quartel era enorme a multidão; estava tudo cheio no tal corredor de que ahi se fallou e que é mais pequeno do que diziam. Isto que eu digo é que é a pura verdade. Lá estava a tal companhia, do lado do presidio, a que se referiram.

«O coronel do 18 deu-me ordem para fazer retirar os populares do quartel. Alguns d'esses populares estavam parlamentando com o coronel do 18, estando ao pé d'elles o alferes Corrêa. Esta é que é a verdade, affianço-o eu pela felicidade dos meus filhos. O sr. alferes Corrêa estava ao lado do coronel; repito, parlamentavam com os populares. Eu apenas ouvi ao coronel estas palavras: «Está bem, rapazes!»

«Executei todas as ordens que elle me deu, em quanto estive em Santo Ovidio. O que entre nós se passou só na presença d'elle o direi.»

Emquanto esses successos se desenrolavam, um incidente de certa importancia se dava no largo da Lapa.

Como se viu, parte das forças revoltosas permanecia no exterior do quartel do 18 esperando ordens.

O tenente Coelho viu dirigir-se para o seu lado uma força d'infantaria. Era uma companhia da guarda municipal commandada por um tenente, que, ao chegar junto da força sob o commando do tenente Coelho, deu a voz de — *frente á direita, alto.*

O tenente da guarda municipal perguntou ao tenente Coelho.

— Onde está o general?

—Ainda não chegou, respondeu o tenente Coelho. Se queres vaemarchando. Segue por alli—e indicou a rua que ladeia pela esquerda o quartel d'infantaria 18 — nós não nos demoraremos aqui muito tempo.

A força da guarda municipal poz-se em marcha, seguindo o caminho que ao seu commandante foi indicado.

D'ahi a momentos chegou o capitão Leitão, vindo do quartel d'infantaria 18.

Fallou com o tenente Coelho dizendo-lhe:

—O 18 vem já. Nós seguimos para a Praça Nova e lá o esperamos. O commandante disse-me que vinha em breve: que estando elle e quasi todos os officiaes presentes no quartel era necessario tomar certas medidas de ordem e segurança, e que convinha reunir o conselho administrativo antes do regimento sahir.

De resto, não só o capitão Leitão como outros individuos, militares e civis, vinham affirmando que o regimento d'infantaria 18 viria juntar-se, dentro em pouco, ás forças insurrectas.

Não é facil estabelecer com exactidão até que ponto era fundada essa affirmativa.

Todavia, de differentes depoimentos se infere que não foi sem algum fundamento que toda a gente que veio sahindo do quartel d'infantaria 18 affirmava que o regimento, sob o commando do seu coronel, viria juntar-se



2.º SARGENTO DE CAÇADORES N.º 9  
ALMEIDA

*(Emigrado em Hespanha)*

ao d'infantaria 10 e de caçadores 9, na Praça de D. Pedro.

Se, com effeito, o commandante tentou romper o fogo do quartel para o Campo de Santo Ovidio, e se — «esse fogo seria por descargas e andares, devendo depois carregar o esquadrão de cavallaria 6» — segundo as proprias expressões do capitão Sarsfield; se — ainda na phrase do mesmo capitão — o coronel — «respondeu com a maior firmeza e dignidade, affirmando (aos revoltosos que o rodeavam) que do seu quartel só sahiria ou morto ou para combater pela ordem e pela legalidade»: — como é que deixaram entrar no quartel dois homens pelo rombo practicado, a machado, na porta da Lapa, consentindo que retirassem as pedras que b'arricavam, pelo interior, essa porta; e como é que depois deixaram invadir a parada por toda a gente?

Responde a si mesmo o capitão Sarsfield, dizendo que não fez fogo para o Campo de Santo Ovidio, por se suppor que alli estivessem forças fieis que seriam egualmente attingidas pelos tiros d'infantaria 18. Mas de modo algum, nem elle nem ninguem, explica porque foi que se não impediu nem o arrombamento da porta da Lapa, nem a franca invasão da parada do quartel, perfeitamente defensaveis contra um atacante que não dispunha de artilharia.

De mais a mais entre os revoltosos, que tinham penetrado no quartel, e qualquer official, não se trocara uma expressão violenta e insultuosa, aspera ou offensiva que mostrasse essa aberta hostilidade que o capitão Sarsfield põe em tão claros termos no seu depoimento.

Santos Cardoso no conselho de guerra a que responde, diz, em replica a uma pergunta do auditor:



«Fui lá dentro (ao quartel d'infantaria 18) fallar com o coronel, juntamente com um popular que me enfiou o braço. O coronel disse-me — «Deixe-me: eu não sou republicano nem monarchico. Sahirei logo.» — Ouvi tambem o sr. Sarsfield dizer: — «Visto que vae parte do nosso corpo, vamos tambem;» — mas o coronel não respondeu.» (1)

O capitão Sarsfield teve necessariamente conhecimento d'essa affirmacão cathgorica de Santos Cardoso, e, não só a não contradictou em publico, mas tambem não procurou, em acareação, contestal-a.

Mas, por outra parte, no tribunal procurou-se sempre desviar todas as responsabilidades que ao alferes Corrêa podiam caber pelo facto de asseverar que ao coronel ouvira dizer que iria juntar-se ás forças revoltosas á frente do regimento.

Seguramente as circumstancias excepçionaes que o mallogro do movimento revolucionario creara não permittiram adquirir provas concludentes a esse respeito. Os proprios accusados, sempre que puderam, evitaram comprometter individuos, quaesquer que para elles fossem as consequencias. Devemos até fazer notar que ao capitão Leitão tinha sido aconselhado que não insistisse em fazer affirmacões relativas aos acontecimentos occorridos no quartel d'infantaria n.º 18, porque deveria adoptar-se como norma invariavel, entre os reus, não prestar directa ou indirectamente, esclarecimento algum, que viesse affectar qualquer pessoa, embora na sequencia dos successos se adoptasse uma attitude abertamente opposta.

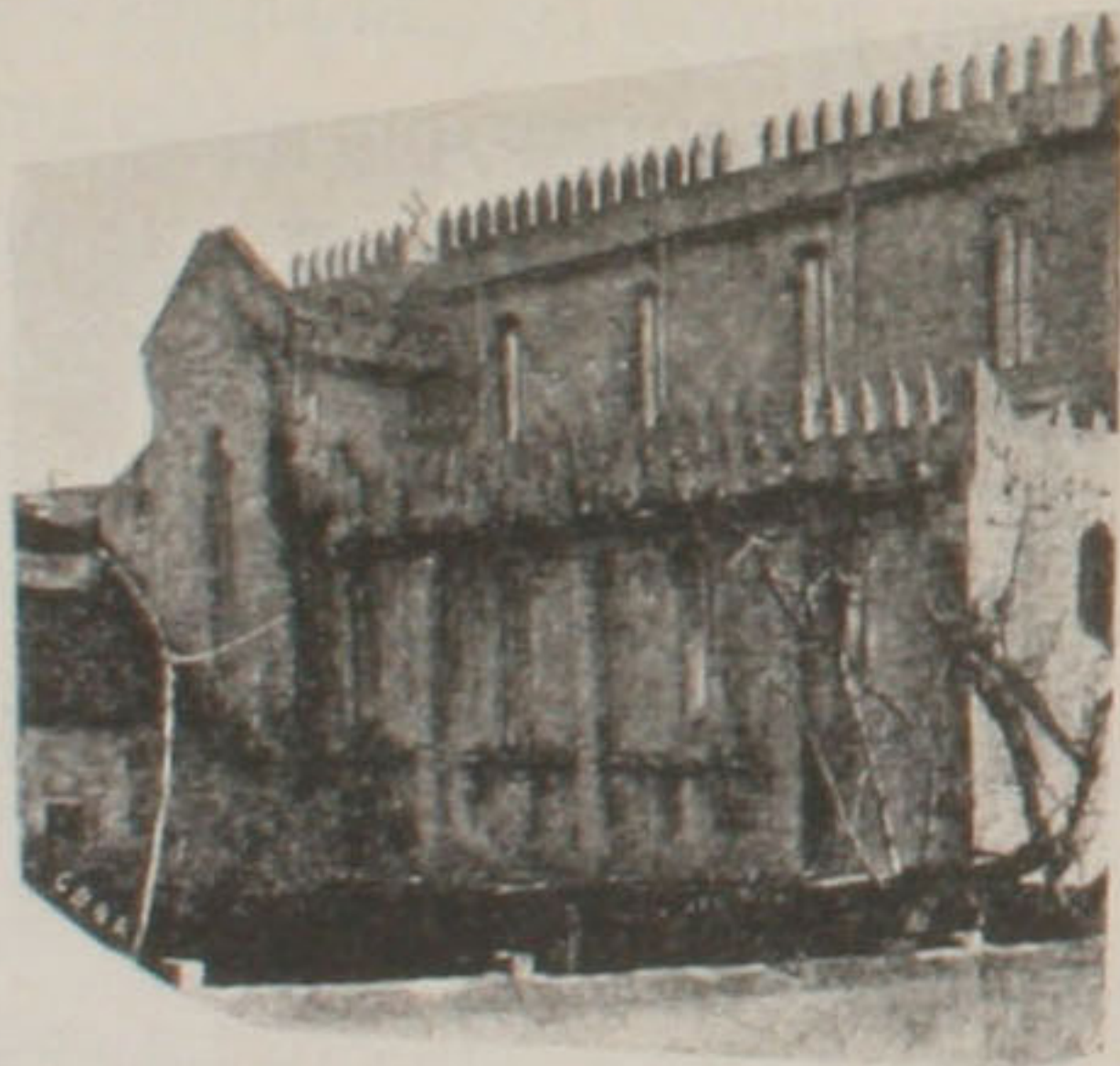
O capitão Leitão irritado pela maneira como era tra-

---

(1) Depoimento de Santos Cardoso no 1.º conselho de guerra.

tado, incommunicavel sempre, sempre de sentinella á vista, offendido nos seus brios pelo modo menos attencioso como a elle se referiram algumas testemunhas, deixou-se arrastar pelos impetos do seu pundonor maguado e provocou a acareação com o coronel Lencastre e Menezes, da qual, se não resultou ficar estabelecido irrefutavelmente que o commandante d'infantaria n.º 18 se compromettera a secundar o movimento revolucionario, tambem não podia inferir-se que a asserção era infundada.

E, de resto, a quem tivesse seguido com um pouco de attenção as diversas declarações que nos conselhos de guerra se fizeram não restava duvida de que a fidelidade do regimento d'infantaria 18 foi muito duvidosa, e que as interessadas declarações do capitão Sarsfield não conseguiram attenuar o effeito que os factos bem claramente traduziam.





## CAPITULO XX

Terminára toda essa longa e fatigante expectativa.

Com fundamento, ou sem fundamento, a affirmação de que o regimento d'infantaria 18 em breve se incorporaria nas forças sublevadas passava de bocca em bocca, e, em harmonia com esse boato, foram essas forças, Rua do Almada abaixo, em direcção á Praça de D. Pedro. Ahi occupariam o edificio dos Paços do Concelho, onde se faria a declaração da deposição do rei e a de que estava proclamada a Republica.

Effectivamente, o capitão Leitão, tendo feito formar na testa da columna a Guarda Fiscal e, seguidamente e por sua ordem, os regimentos de caçadores n.º 9 e de infantaria n.º 10, mandou marchar.

A banda, quasi completa, do regimento d'infantaria n.º 10, com alguns musicos de caçadores n.º 9, sob a direcção do musico de 1.ª classe d'infantaria n.º 10, Eduardo

da Silva, abria a columna, tocando a *Portuguesa*, de Alfredo Keil.

Desde que as forças começaram a marchar, sentia-se desaparecer a oppressão que invadira todos os espiritos n'essas longas tres horas em que, ou fóra ou dentro do quartel, se tentara que o regimento d'infantaria n.º 18, devidamente commandado, viesse augmentar as forças da Revolta. O que se seguiria depois, parecia não preoccupar os espiritos. Acreditava-se firmemente que o regimento d'infantaria n.º 18 estava inclinado a apoiar a Revolta. Se assim fosse nenhuma duvida poderia offerecer o triumpho da Republica; não porque a força do regimento d'infantaria n.º 18 dêsse ás tropas insurreccionadas uma superioridade notavel sobre as da Guarda Municipal, mas pela alta significação que teria, não só para a população civil, mas para o Quartel General, o facto de as tropas sublevadas serem commandadas por um coronel e muitos officiaes.

Era evidente que, se esse acontecimento viesse a realisar-se, as adhesões seriam innumeraveis. Ninguem teria duvidas em acceitar os factos consummados; as garantias de victoria eram indiscutiveis; a resistencia da Guarda Municipal seria nulla, sem contestação; a ordem estava assegurada.

Animadas d'uma doce esperanza, as tropas revolucionarias, ladeadas por immensa multidão, seguiram para a Praça de D. Pedro.

Rompia a manhã.

Ao longo da Rua do Almada, desfilava a columna em formação regulamentar e disciplinadamente.

As janellas estavam todas abertas e os habitantes que já tinham conhecimento de que a guarnição militar da ci-

dade sahira dos quartéis para proclamar a Republica, recebiam a noticia com manifesto aprazimento. E assim, á medida que as forças da Revolta iam descendo a rua, ás saudações que erguia o povo que as acompanhava, correspondiam das janellas, gritando: — Viva a Republica! — Viva o exercito portuguez! — Acenavam com lenços, davam palmas, n'uma grande expansão de alegria que punha nos corações um suavissimo calor e nos labios um sorriso de triumpho.

Nunca tão espontanea e tão calorosa manifestação se produziu na bella cidade do Norte. Nunca o Porto, a cidade do trabalho e das grandes virtudes civicas, fez tão entusiastica acclamação a um exercito victorioso, porque nunca esteve mais identificado com a ideia que esse exercito vinha proclamando.

Na rua a multidão engrossava a cada momento, e quando as tropas revolucionarias dobravam a Rua do Almada para entrar na Praça de D. Pedro, era difficil romper por entre a massa compacta que se agglomerava.

Emfim, formaram as tropas na Praça rodeando-a pelos lados do Norte, Nascente e Sul, começando a linha pela Guarda Fiscal e terminando por caçadores n.º 9. Em frente do edificio municipal ficava o regimento de infantaria n.º 10.

O esquadrão de cavallaria n.º 6, que viera acompanhando a columna, detivera-se na rua occidental da Praça.

Era já dia claro e o nevoeiro dissipara-se completamente.

Na alta casaria que rodeia a Praça de D. Pedro, viam-se todas as janellas occupadas; na Praça um innumeravel ajuntamento de populares. Ainda ahi as acclama-



CABO SALOMÉ, DA GUARDA FISCAL  
*Julgado em conselho de guerra — 6 annos de degredo*  
(O unico insurrecto que esteve na Penitenciaría de Lisboa)

ções, os vivas, as saudações se repetiram ardentes, entusiasticas.

Em breve, as janellas dos Paços do Concelho abrem-se e alguns individuos apparecem, levantando vivas á Republica, ao exercito e aos regimentos sublevados.

De infantaria n.º 10, destaca-se uma força comman-dada por um 1.º sargento (1), para fazer a guarda d'aquelle edificio.

Santos Cardoso, juntamente com alguns outros indi-

(1) O 1.º sargento Vergueiro

viduos, assoma a uma das janellas e, dando vivas, agita uma bandeira que pouco depois é içada no mastro que sobrepuja o frontão da Casa da Camara.

O povo e as tropas correspondem aos vivas que soltam das janellas.

Mas de repente faz-se um grande silencio e um movimento de curiosidade produz-se.

É que tem chegado a uma janella o dr. Alves da Veiga, fazendo signal de que vae fallar.

Com effeito, o dr. Alves da Veiga, n'uma voz que apenas era perceptivel a quem estivesse mais proximo da janella de onde fallava, começou um discurso que de tempos a tempos era cortado pela voz portentosa da multidão que applaudia, vibrando enthusiasmada na commoção que se transmittia rapidamente. Quando finalisou, o dr. Alves da Veiga ia ler n'um pequeno quadrado de papel, mas um individuo toma esse papel e com uma voz sonora e forte, lê. Eram os nomes das pessoas que se indigitavam como fazendo parte do governo provisorio da Republica, e que o dr. Alves da Veiga, apressadamente, escrevera a lapis em um envelope (1). Quem lia era Miguel Verdial.

Á medida que era pronunciado um d'esses nomes, a multidão rompia em vivas delirantes.

Mas de novo voltava a impressão desagradavel resultante da inacção das tropas sublevadas. O esquadrão de cavallaria n.º 6, antes mesmo de haver começado a fallar o dr. Alves da Veiga, tinha seguido para a Rua de Santo Antonio. Percebia-se que, a permanecerem n'aquella es-

---

(1) Esse curiosissimo documento está reproduzido a paginas 92 e 93 d'esta obra.

pectativa interminavel, as forças revolucionarias se desagregariam.

Muitos individuos começavam a manifestar o seu desgosto e a pedir aos officiaes commandantes das tropas sublevadas que tomassem uma resolução definitiva; que não esperassem mais. Que a Guarda Municipal estava occupando a praça da Batalha, na defensiva, informaram, e que era urgente desalojal-a, para occupar o telegrapho e o Quartel General, aconselhavam.

Interrompamos a narrativa, n'este ponto, para deixar a varias testemunhas descrever o que se passou desde que as tropas sublevadas sahiram do Campo de Santo Ovidio até o momento em que ellas vão subir a Rua de Santo Antonio.

O jornalista Machado de Almeida diz:

«Acompanhara os sublevados até á Praça de D. Pedro e vira nas janellas da casa da camara os srs. dr. Alves da Veiga, Santos Cardoso, actor Verdial...

«... Elle, depoente, tomou o centro da praça e viu então que á frente dos militares ia uma turba-multa de individuos da classe civil.

«Quem viu mais na camara foi o sr. Felizardo de Lima; viu-o na occasião em que o sr. Alves da Veiga estava discursando e por signal que aquelle dizia para este: — «Acabe lá com isso. Basta de discurso.» (1)

Declara o jornalista Accacio Pereira:

«Que foi ao Campo da Regeneração, em desempenho das suas obrigações jornalisticas, e vira numerosos soldados armados junto ás escadas da Lapa e muitos popula-

(1) Depoimento de Eduardo Machado d'Almeida, redactor do *Jornal de Noticias*, no 1.º conselho de guerra.



res proximo da porta do quartel de Santo Ovidio (lado Norte) soltando clamorosos vivas á Republica... Sempre a distancia, seguira os revoltosos até á Praça de D. Pedro e do mesmo modo não conhecera alli ninguem, porque o nevoeiro, ao romper do dia, nada permittia enxergar. Passava depois na alludida praça o esquadrão de cavallaria n.º 6, e, querendo informar-se pessoalmente se a ca-



1.º SARGENTO D'INFANTARIA N.º 18  
J. J. DA SILVA

vallaria pertencia aos revoltosos ou ás tropas fieis, seguira pela Rua de Santo Antonio. Observara então que os numerosos populares que a rodeavam erguiam vivas á Republica e ao exercito.» (1)

Depõe o *reporter* João Luiz Gonçalves:

«Viu e ouviu, na sua qualidade de *reporter*, lêr da varanda da camara a lista do governo provisório republicano. Estando no edificio (da camara) viu os srs. dr. Alves da Veiga, Santos Cardoso e Verdial, em conferencia junto ao gabinete do guarda-mór... Assistiu ao acto de hastear-se a bandeira vermelha e verde (2) e

(1) Depoimento do jornalista Accacio Pereira no 1.º conselho de guerra.

(2) A bandeira pertencia ao Centro Democratico Federal 15 de Novembro, e não era, senão pelas côres, o pavilhão da Republica. No dia 31 de janeiro não havia bandeira alguma republicana.

viu a subida das tropas sublevadas pela Rua de Santo Antonio.» (1)

Diz tambem o bombeiro Carvalho da Costa:

«Fazia parte do piquete que na noite de 30 para 31 ficára na camara, e vira pelas 3 horas da madrugada que fôra retirada a Guarda Municipal do edificio dos paços do concelho. Às 6 horas e meia da manhã vira chegar as forças; oppôz-se o piquete de bombeiros, mas teve que ceder perante a superioridade numerica das forças revoltadas. Vira no edificio da camara differentes populares, entre os quaes se lembrava do dr. Alves da Veiga, Santos Cardoso, Dionysio, Verdial. . .

«Vira mais Felizardo de Lima, o rev. abbade de S. Nicolau, acrescentando que não podia precisar se todos os individuos que nomeára, com excepção do dr. Alves da Veiga, tinham sido os primeiros a entrar, ou se foram depois. O dr. Alves da Veiga pedira-lhe a chave da sala grande de recepção, que depois obrigou a dar-lhe. A chave estava em poder do guarda-mór.

«Vira um sujeito, Manuel Pereira da Costa, armado de espingarda e patrona, no edificio da camara, antes de proclamado o governo provisorio. Este mesmo individuo, segundo a propria declaração, fôra buscar a bandeira que arvorára no edificio dos paços do concelho.

«Proclamou-se o governo provisorio; fizera-se um discurso da varanda do edificio; tropa e populares déram vivas á Republica, e tudo marchou em direcção á rua de Santo Antonio.» (2)

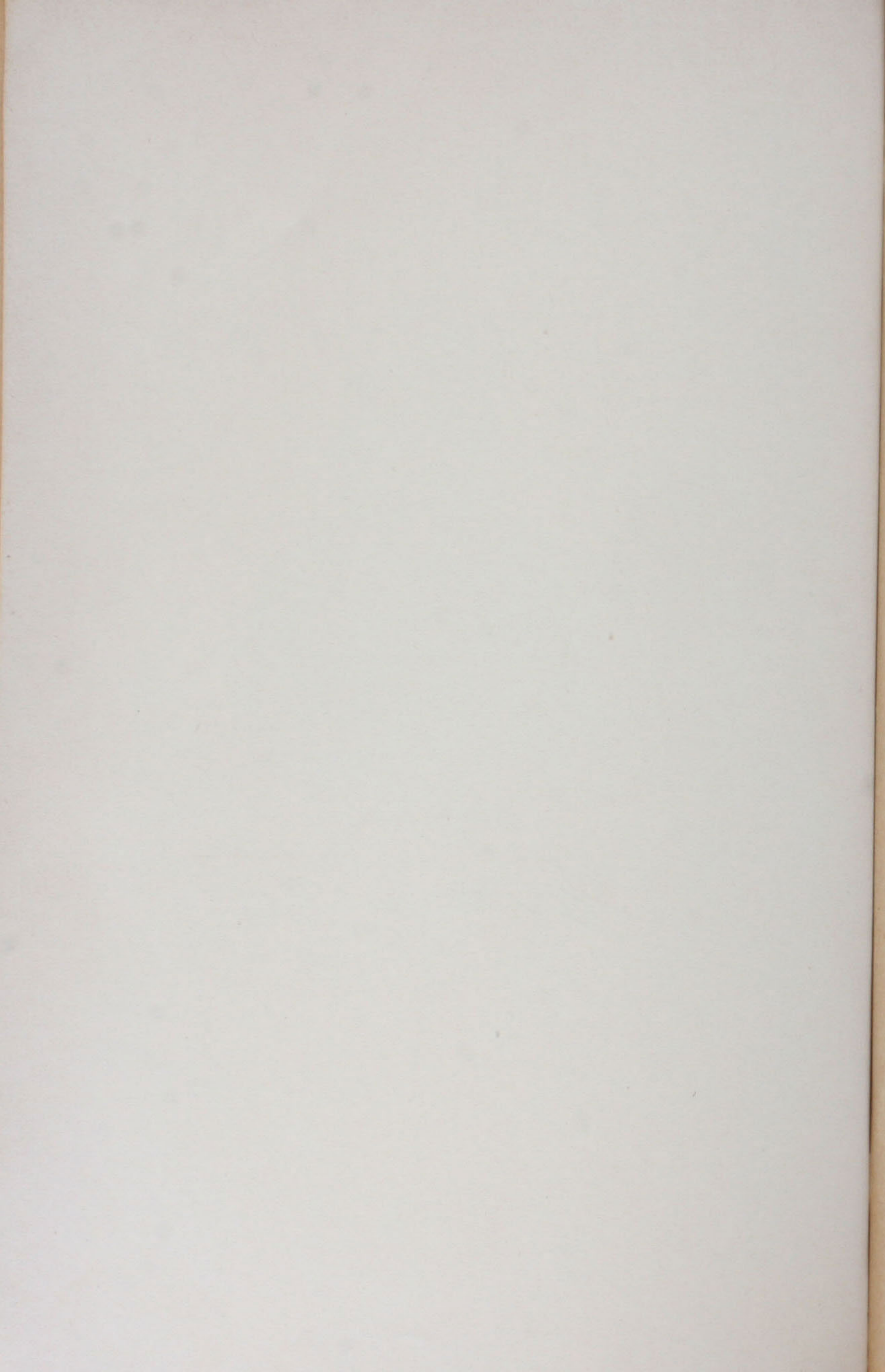
(1) Depoimento do *reporter* João Luiz Gonçalves no 1.º conselho de guerra.

(2) Depoimento do bombeiro municipal, Joaquim Carvalho da Costa, no 1.º conselho de guerra.



*Miguel Henrique Verdial*

MIGUEL VERDIAL (em 1899) —  
Cliché da casa Guedes, Porto.



Respondendo ao interrogatorio feito no 2.<sup>o</sup> conselho de guerra, esplanou o capitão Leitão:

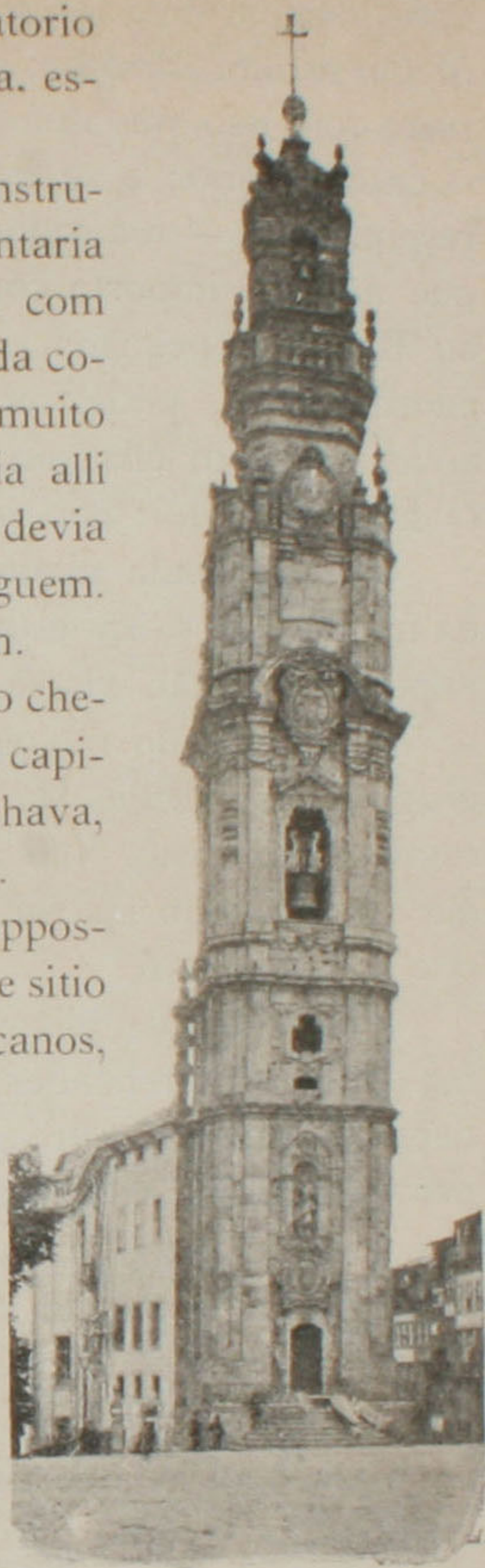
«Depois de ter recebido instruções do commandante de infantaria 18, segui para a praça Nova com toda a força, formando a testa da columna a guarda fiscal. Eu ia muito convencido de que encontraria alli superiores (*friçando*) ou aquelle devia ir alli ter. Chegando, não vi ninguém. Esperei, e não chegava ninguém.

«Eu devo notar que quando cheguei do campo, me despedi do capitão de cavallaria que alli se achava, dizendo-lhe: «Adeus, até logo».

«Na praça, formei ao lado opposto da camara, mas, como n'esse sitio impedisse o transito dos americanos, que a essa hora principiaram a passar, fui formar em frente á camara, dando a rectaguarda á frontaria do edificio indo eu para debaixo das arvores que alli existem.

«Na praça havia já grande numero de populares; na camara não vi ninguém; não sei se para alli foi alguma força dos outros: a minha não.

«N'essa occasião chegou-se a mim um paizano, que não pude conhecer, e disse-me: «Sr. capitão, é neces-



TORRE DOS CLERIGOS

sario mandar uma força para o Banco, a fim de se evitar algum arrombamento»; ao que eu respondi: «Não tenho nada com isso, não dou força nenhuma.» «Mas olhe que o caso é sério; e se houver um roubo, o senhor será responsável» — retorquiu-me essa pessoa. «Já lhe disse que não me importo com isso — repeti. — Se a guarda ao Banco é pequena, sempre o foi. Olhe, tem allí a guarda fiscal, póde ser que ella mande essa força; arranje-se com ella; eu não mando guarda nenhuma.» O homem lá foi; não sei se conseguiu levar a guarda.

«Passou ainda algum tempo — deviam ser 6 horas da manhã — a praça estava completamente apinhada de populares. Então via-se — e eu vi tambem — pois que se via, apesar do nevoeiro; eu vi muita gente, muitos grupos, nas janellas da camara, em todas as janellas, estava tudo cheio. Não conheci ninguem, excepto dois, que se achavam na varanda. Podia haver mais alguém que eu conhecesse.

«Ouvi fallar da tal varanda, não percebi o que diziam, mas pude comprehender que se tratava de um discurso; depois vi que um outro individuo lia um papel qualquer, percebendo que se tratava de nomes, porque a cada um que era indicado, se levantavam vivas. Só vivas — entendam bem — e nada mais. Eu soube depois, ao certo, que eram nomes o que elles acclamavam. O vivorio continuou.

«Tambem vi que na varanda havia bandeiras, não encarnadas — como para ahi disseram — mas sim azues e brancas. Nós tinhamos (*exaltando-se e levantando a voz*) nós tinhamos uma bandeira, bandeira que eu nunca dispensaria; essa não appareceu. A outra, a tal encarnada, não a podia eu vêr d'onde estava. E isso póde verifi-

car-se: quem estiver proximo á camara não vê para o telhado.

«Via-a depois; se eu tivesse podido prohibir a sua collocação, tinha-a prohibido. Eu estimaria que collocassem uma bandeira, mas devia ser a nossa; tirando-lhe a corôa, a actual bandeira servia; eu não queria mudança de côres; gostaria de sempre vêr as quinas da nossa bandeira.

«Parte da gente que estava nas janellas da camara ahi se conservou; as outras sahiram. E eu continuava esperando, esperando, esperando! Não estava satisfeito; não o podia estar. Vi o relógio, eram 7 horas da manhã; e, no entanto, ninguem apparecia!

«Cheguei ao pe do Coelho e disse-lhe: «Eu estou a perceber isto perfeitamente: fomos trahidos: são uns infames. Disseram-me que vinha a guarda municipal, e eu no campo não a vi; que o sub-chefe de estado-maior tambem vinha, e eu tambem não o vi; aqui acontece exactamente a mesma cousa. Elles são homens de *pannos quentes* . . .

«O sr. presidente (interrompendo) — O que?

«Accusado — De *pannos quentes*: queria deferir-me á sua falta de energia. Póde ser, no entanto — continuei eu, fallando com o tenente Coelho — que haja motivos para estas demoras. Eu, pelo sim pelo não, continuarei a esperar. Os soldados, esses mostravam desejos de seguir ávante.

«Um bombeiro disse ahi que me vira na camara; isto é uma falsidade enorme, contra a qual me revolto. Não é que isso augmente ou diminua a minha responsabilidade, que eu assumo por completo; mas é que não fui lá, porque não podia abandonar a força.

«Os populares começaram a dizer que estava tudo na Batalha. Um official disse-me que era necessario dividir as forças. «Deixe-se d'isso — lhe respondi eu — ninguém nos faz mal.» Depois disse ao tenente Coelho: «Vou tomar uma resolução definitiva; vou mandar pela rua de Santo Antonio, onde me apresentarei ao general; se fôr verdade, elle dará as suas ordens; se fôr mentira, procederá da mesma fórma.» O Coelho lembrou-me que a guarda da camara havia desaparecido e que era melhor deixar alli alguma. Concordei com essa ideia, deixando

*O primeiro dos tribunales, para o homem  
que se estima, é o da propria consciencia*  
22/3/81  
*Miguel Henrique Verdial*  
*Leijões a bordo do Si Moçambique*

FAC-SIMILE DE MIGUEL HENRIQUES VERDIAL  
(Da curiosa collecção do Dr. Bernardo Lucas)

alli uma guarda de sargento — não sei se o Villela, se o Antonio Maria, da minha companhia, isto para evitar que causassem alli prejuizos, ou que os populares entrassem nos paços do concelho.» (1)

Detenhamo-nos um momento, para referir o que se passa nos quartéis em quanto se vão desenrolando os successos de que nos vimos occupando.

Pelo que já tem sido exposto sabe-se que os sublevados deliberaram ficar senhores dos quartéis dos regimentos de infantaria n.º 10 e de caçadores n.º 9, não per-

(1) Depoimento do capitão Leitão no 2.º conselho de guerra.



mittindo a ninguem entrar alli, a não ser que houvesse adherido, ou viesse a auxiliar o movimento revolucionario.

A attitude dos commandantes das guardas d'aquelles quartéis, foi, dentro do facto realisado, absolutamente perfeita: e, se os officiaes tiveram que lamentar-se da falta de disciplina, strictamente militar, com que eram recebidos, não puderam queixar-se de que lhes faltassem ao respeito.

Nenhum foi maltratado, nenhum foi offendido.

Como legitimos superiores não os consideraram os revoltosos, mas nem por isso as naturaes represalias que, em circumstancias tão excepçionaes, seriam explicaveis, se produziram e nenhuma violencia houve que registar.

Cumpre fazer essa justiça aos soldados da Revolta.

Sublevados os dois corpos da guarnição do Porto, quebrados os laços de disciplina hierarchica que se mantinham na situação normal, era presumivel que o furor de alguma paixão mal contida, que algum despeito mal sofreado, que algum odio recalcado explodisse em vingança brutal. Mas não. Apenas os officiaes não eram os superiores legitimos, por isso que não commungavam no mesmo ideal de libertação e de confraternidade; deixaram de ser para os revoltosos os officiaes dos regimentos que, por pusilanimidade uns, por indifferença outros e por espirito de conformidade muitos, não sentiam maculada a honra da Patria, não vibravam de indignação viril, não tinham no coração a colera sagrada que protesta, vehemente, accusando o proprio Deus pela injustiça e pela infamia, pelo vilipendio e pela protervia, com que a nação portugueza era ferida pela Inglaterra, mercê da politica nefasta, servil, tôrpe que imperava.

Desde o *Ultimatum*, reconhecida a manifesta impotencia dos exercitos de terra e do mar para defender a Patria, parecia natural que os estadistas, desilludidos da, chamada, velha amizade ingleza, para com Portugal, convencidos de que os interesses portuguezes só poderiam ser efficazmente defendidos e postos em respeito pelo seu proprio esforço, procurariam modificar os seus processos de governo; mas os ministerios succediam aos ministerios; os homens publicos succediam-se no poder, escolhidos entre a massa d'aquelles que se apontavam como mais escrupulosos, e, comtudo, dia a dia, hora a hora se fazia mais evidente que acima do nome da Patria existia mais alguma coisa, que se antepunha como interesse supremo a deffender, embora a nação houvesse de contorcer-se na humilhação mais abjecta! Era evidente que ao exercito cabia mais pesada a responsabilidade de tal situação. Portanto, aquelles que no exercito não se decidiam a reagir, acceitavam a escravidão decretada: officiaes, superiores hierarchicos legitimos até o momento em que a Revolta se declarara, elles deixaram de o ser desde então. Não seria, pois, estranho que os revoltosos tratassem como inimigos aquelles a quem incumbia mais que a ninguem sentir os soffrimentos de uma Patria com que deveriam consubstanciar-se, elles a quem essa Patria entregava a egide das suas glorias e da sua independencia. Mas tão vivo fora o respeito pelos sentimentos alheios, tão intensa fora a nobre isenção com que os sargentos da guarnição do Porto, n'essa madrugada de 31 de janeiro, que não tendo, talvez, nada que receiar, certamente, até, convencidos de que a victoria seria sua, a nenhuma violencia se entregaram, nem permittiram que se entregassem os soldados insurreccionados. As medi-

das preventivas que o facto, tão anormal, indicaram como indispensaveis a adoptar para com os officiaes de serviço nos quartéis, que não quizeram adherir ao movimento revolucionario, foram postas em execução de modo a não violar mais que a disciplina, mas nunca o respeito individual d'esses officiaes.

Por isso, esses sargentos que, bem póde dizer-se, tiveram a iniciativa do movimento militar que historiamos, e que, quasi, o dirigiram, merecem todo o applauso de um povo que, acorrentado a uma tradicção ominosa e de vilipendio, esteve por um momento a libertar-se, surgindo, esforçado e viril, renascendo pujante de brios, das cinzas a que o reduzia o fogo crematorio de uma politica de egoismos e de subserviencias. Eis porque os seus nomes ficarão aqui exarados como os d'aquelles que bem merecem da Patria, para exemplo dos que lhes succederam.

No decurso da nossa narrativa teem vindo collocar-se os nomes de muitos, outros virão ainda.

Os successos se encarregam de apontal-os ao respeito, á estima e á consideração de quem, como elles, amava e ama a Patria, sem reservas pueris, ou sem calculos interessados.

Proseguindo :

As forças revoltadas estavam prestes a deixar a Praça de D. Pedro para seguirem pela Rua de Santo Antonio, onde o combate de algumas horas dicitu o mallogro da Revolta.

Entretanto, aos quartéis dos dois regimentos, que se manifestavam pela proclamação da Republica, começavam a affluir os officiaes que, por um modo ou por outro, iam tendo conhecimento do que succedera na madrugada.



2.º SARGENTO DE CAÇADORES N.º 9  
AUGUSTO SALGADO — (Emigrado em Hespanha)

No quartel de caçadores n.º 9 ficara uma guarda sob o commando do 2.º sargento Joaquim Antunes Galho que até o ultimo instante conservou, para os revoltosos, a posse d'esse quartel.

Deixemos ao testemunho dos proprios officiaes que depuzeram nos conselhos de guerra pôr em evidencia o que então se passou.

Depõe o tenente Corrêa dos Santos:

«Dormia socegada-mente em sua caza quando o pae o avisara,

dos acontecimentos; e, como tivesse a sua farda no quartel, vestiu-se á paizana e apresentára-se assim mesmo no quartel general, visto ter-lhe dito um seu collega que os revoltosos, e especialmente o sargento Galho, não permittiam a entrada dos officiaes no quartel.» (1)

Refere o capitão Almeida Soares:

«... Relata que, sciente da revolta, se dirigira ao quartel, a uma janella do qual, do lado da cadeia, viu o cabo n.º 5, Eduardo Julio dos Reis, que lhe apontou a espingarda, bradando: « — Não avance, meu capitão.»

(1) Depoimento do tenente de caçadores n.º 9, João Corrêa dos Santos, no 1.º conselho de guerra.

«Ao chegar perto da porta do quartel, o 2.º sargento Galho adiantou-se e apontou sobre elle a espingarda. Elle depoente, ia a tirar o revolver; mas ao primeiro gesto o sargento preveniu-o de que, se puchasse pelo revolver, desfecharia a espingarda. Elle, então retirou para a casa da guarda da cadeia, de cujo commando tomou conta, por estar abandonado em virtude da auzencia do alferes Malheiro.

«A's 3 horas da tarde, a uma intimação sua ao sargento de guarda ao quartel, com a declaração de que estava suffocada a Revolta, para que a guarda se rendesse, o mesmo sargento lhe exigira duas vezes a palavra de honra ácerca do mallogro revolucionario, disparando a espingarda e franqueando as portas do mesmo quartel, entregando-se. . . .» (1)

Um soldado de caçadores n.º 9 diz:

«Estava de guarda ao quartel. O sargento Galho, á medida que entravam quaesquer praças no quartel, mandava-as armar e ficar ás suas ordens, bem como mais quatro sargentos que se achavam no recinto. Vira armar-se o ex-sargento Amoinha Lopes, sahir do quartel commandando uma força, que se dirigiu á Praça de D. Pedro no intuito de aggredir a guarda municipal.» (2)

Mais diz-nos outro soldado:

«. . . Eu vi que por ordem do sargento Galho, momentos depois de sahir o regimento, se dera uma descarga do quartel para fóra, ouvindo dizer que fôra sobre um tro-

---

(1) Depoimento do capitão de caçadores n.º 9, Ignacio José de Sousa Almeida Soares, no 1.º conselho de guerra.

(2) Depoimento do soldado Frederico, da 2.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 9, no 1.º conselho de guerra.

ço de soldados da guarda municipal que apparecera na Rua de S. Bento.» (1)

Um empregado commercial depõe como testemunha:

«O sargento Galho commandava a guarda e policia posta á porta do quartel de S. Bento pelos revoltosos e viu que elle prevenia muito respeitosamente os officiaes, que iam apparecendo, de que não podiam entrar no quartel, isto sem usar de ameaças, nem violencias. Punha a arma em guarda e assim fallava aos officiaes. Assim fez aos capitães Corrêa e Almeida Soares, que vinham com o major Bilton e um alferes, que a testemunha não póde precisar quem seja. Vira o sr. capitão Almeida Soares levar a mão por entre o capote, talvez para puchar um revolver, mas não vira gesto aggressivo do sargento, antes notou que tratava aquelle official, como já disse, muito respeitosamente.» (2)

Outra testemunha depõe:

«... No dia seguinte (31 de janeiro) é que soube que o accusado (sargento Galho) ficára de guarda ao quartel, de ordem dos revoltosos. Vira o capitão Corrêa da Rocha dirigir-se ao sargento Galho e este dizer-lhe:— «Meu capitão, não póde entrar», pondo a arma em guarda. O capitão ia a metter a mão no capote e o sargento levantou então a arma á altura dos olhos, deixando-a logo cahir, porque aquelle official seguiu pela rua acima.» (3)

(1) Depoimento do soldado Domingos Leite, da 2.<sup>a</sup> companhia do 2.<sup>o</sup> batalhão de caçadores n.<sup>o</sup> 9, no 1.<sup>o</sup> conselho de guerra.

(2) Depoimento de Antonio Augusto de Castilho, empregado commercial, no 1.<sup>o</sup> conselho de guerra.

(3) Depoimento de Pedro Pinto Duarte de Oliveira, escrevente de cartorio, no 1.<sup>o</sup> conselho de guerra.



OS MEMBROS DO GOVERNO PROVISÓRIO  
José Ventura dos Santos Reis

O tenente Peixoto depõe n'este sentido:

«Pelas 11 horas da manhã de 31 de janeiro, procurara-o o réu (cabo Eduardo Julio dos Reis) de ordem do sargento Galho, de guarda ao quartel, intimando-o, se bem que respeitoso e submisso, a que desse o pão para o rancho dos soldados, senão que seria arrombada a porta da arrecadação. Era esta a ordem, que por interme-

dio do réu, lhe mandava o sargento Galho.» (1)

Eis o que se passara no quartel de caçadores n.º 9.

Menos interessante o que occorrera em infantaria n.º 10.

Ahi a guarda do quartel ficou commandada por um cabo, tendo sob suas ordens, alem dos soldados necessarios para fornecer as sentinellas, tres outros cabos.

Como esses homens eram pouco illustrados, não usaram para com os officiaes de linguagem tão correcta como aquella que empregou o sargento Galho; mas uma outra circumstancia concorreu para esse facto e foi a de que o coronel lhes era muito pouco sympathico. De resto, os officiaes, percebendo que seria inutil entrar no quartel dirigiram-se a casa do commandante do regimento e, só mais tarde, quando a Revolta estava suffocada, seguiram para o quartel, submettendo-se-lhes a guarda e as praças que iam retirando da lucta que se travara.

(1) Depoimento do tenente de caçadores n.º 9 José Joaquim Peixoto, no 1.º conselho de guerra.

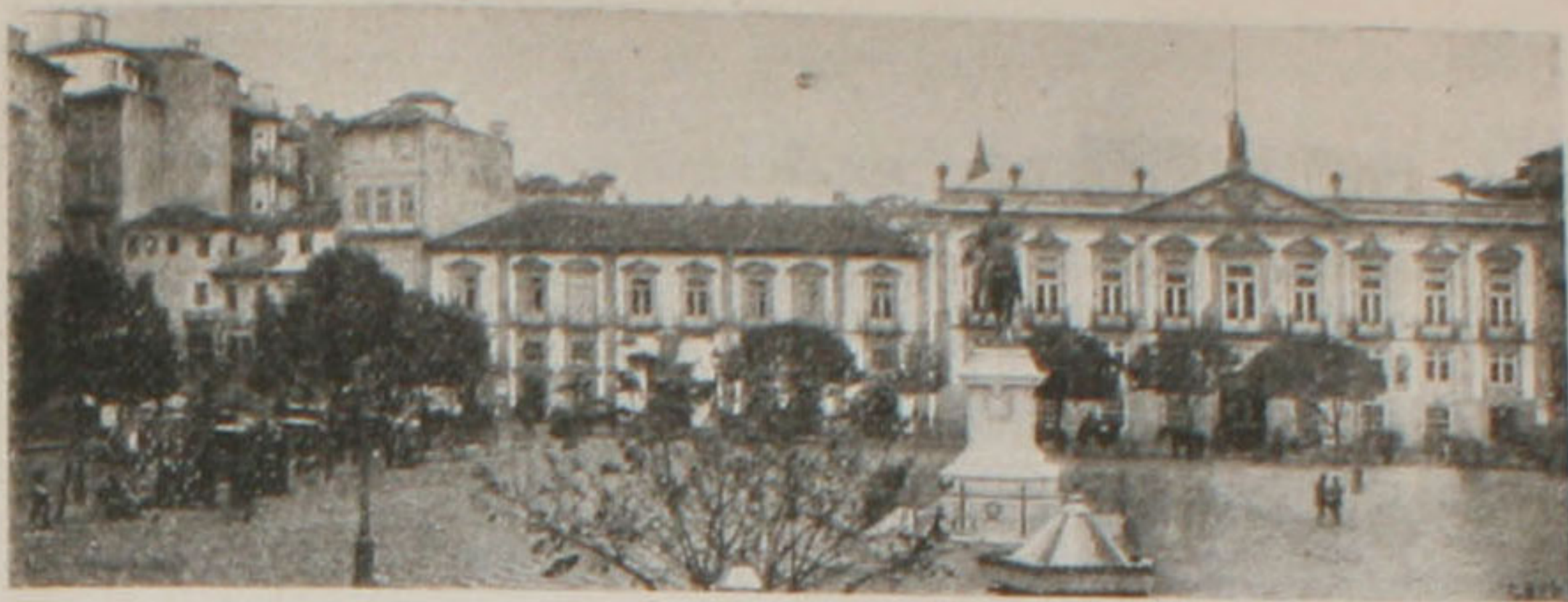
O natural despeito dos officiaes por se verem militarmente desrespeitados por praças de tão inferior graduação concorrera para que as accusações, contra elles formuladas nos conselhos de guerra, fossem mais acrimoniosas.

É certo, porém, que a violencia, o insulto, ou a manifestação de irrespeito pessoal se não produziu, o que é justo que se registre para uma recta apreciação ao movimento militar de 31 de janeiro de 1891.



*Reprodução de uma estampa  
da Revista Illustrada*





## CAPITULO XXI

Proclamada a Republica como a instituição que regeria d'ahi em diante os destinos de Portugal; nomeado o governo provisorio que deveria, até ulterior resolução, servir as novas instituições, restava tomar conta da cidade, assegurando para o paiz a estabilidade sob esse regimen que uma simples demonstração militar tornara possivel.

A espontaneidade com que a população do Porto acclamava as tropas insurreccionadas que, como n'um passeio triumphal, atravessavam parte da cidade, traduzia fielmente o desejo, contido até então, mas irrompendo, desde logo, nitidamente, de vêr expulsa uma instituição que caducara, envolvida na vergonha de uma submissão, dentro d'ella irreparavel, ao poder da Inglaterra, a odiosa alliada, que nem ao menos, na feroci-

dade do seu egoismo ponderava toda a immensa serie de sacrificios que em favor da sua gloria e dos seus interesses Portugal fizera.

A muitos espiritos se affiguraria talvez inopportuna a transformação do regimen. Esses, receiosos de complicações diplomaticas, não achavam ainda azado o momento para a proclamação da Republica. Elles ignoravam se o exercito a acceitaria; mas visto que era o exercito quem, n'um arranco de nobre patriotismo, vinha na vanguarda, libertar a Patria pela democracia independente, quebrando as tradicções dynasticas, adheriam a esse movimento de libertação e, em côro com o resto da população da cidade, acclamavam o exercito, acclamavam a Patria!

Era um cantico unisono de confraternidade, de libertação, de independencia, esse clamor de bravos, esse reboar de palmas estridentes, esse revoar de vivas freneticos!

Quem diria que algumas horas depois, que alguns minutos depois toda essa immensa alegria havia do volver em lucto e tristeza!

E foi assim.

Porquê?

Quem sabe? Dias de amargura ainda deveriam confranger o coração dos portuguezes antes que a liberdade, soltas as azas, conduzisse Portugal n'um vôo rasgado para a gloria do futuro. Não se tinha esgotado até ás fezes a taça de fêl que dos labios sedentos da Patria approximavam mãos sacrilegas, mãos assassinas, mãos de coveiros. Novas vergonhas teriam de ajuntar-se ás vergonhas tragadas, novas baixezas deveriam fazer dobrar a fronte da Patria, novas oppressões deveriam pros-



OS MEMBROS DO GOVERNO PROVISÓRIO  
Dr. Moraes Caldas

tral-a exangue sob o pé da ignominia, erguida nos escudos como triumphadora gloriosa.

Porque era necessario ainda, para que a affronta fosse bem pugente, que Portugal desse á Historia o tremendo espectáculo da renovação da sua fidelidade cordial ao vencedor sem combate, á Inglaterra oppressora.

E que dôres mais virão ainda?

A Historia o sabe.

As suas leis são inviolaveis. Não ha tyrania que as invalide, que as transforme, que as altere.

Esperemos que a Historia faça o seu caminho.

Antes de emprehender a marcha em direcção á Praça da Batalha, conversaram os tres officiaes que se encontravam á testa das tropas sublevadas a respeito da attitude que d'esse momento em diante devessem adoptar perante as outras tropas que não manifestavam adherir ao movimento

O parecer de que as forças da Revolta se dividissem em differentes fracções que por diversas ruas convergiam na Praça da Batalha, forçando a Guarda Municipal que alli se encontrava, a abandonar o seu posto, atacada de frente, de revez e de flanco, foi posto de parte porque, apesar de tudo, se tinha como certa a adhesão d'essa força, desde que as tropas sublevadas manifestassem não abandonar o seu proposito. A Guarda Municipal estava

*El emigrado político de Portugal Sr. Carlos Infante de Camara, ha sido expulsado del territorio Español, cum-  
pliendo lo dispuesto en la Real Orden de 7 de los corrientes por faltar a las Leyes y conde-  
raciones de hospitalidad y se dirige con tal motivo por la via directa a la frontera fran-  
cesa por Girona.  
Encareco pues, a todas las autoridades, especialmente a las de los puntos por donde aquel ha de transitar, que al exponerse de la cuota ordinaria*

*Ordem d'expulsão do emigrado Infante da Camara  
que fez parte do grupo de manifestantes  
contra o sr. Emygdio Navarro, em Madrid.*

(Frente)

informada de que o regimento d'infantaria n.º 18 apoiava a revolução; vira com que ardentes acclamações eram saudadas as forças revolucionarias; sentia-se, portanto, isolada do resto das tropas da guarnição e das sympathias da população civil; demais entre aquella guarda havia

um grande numero de homens que tomara parte nos preparativos da Revolta.

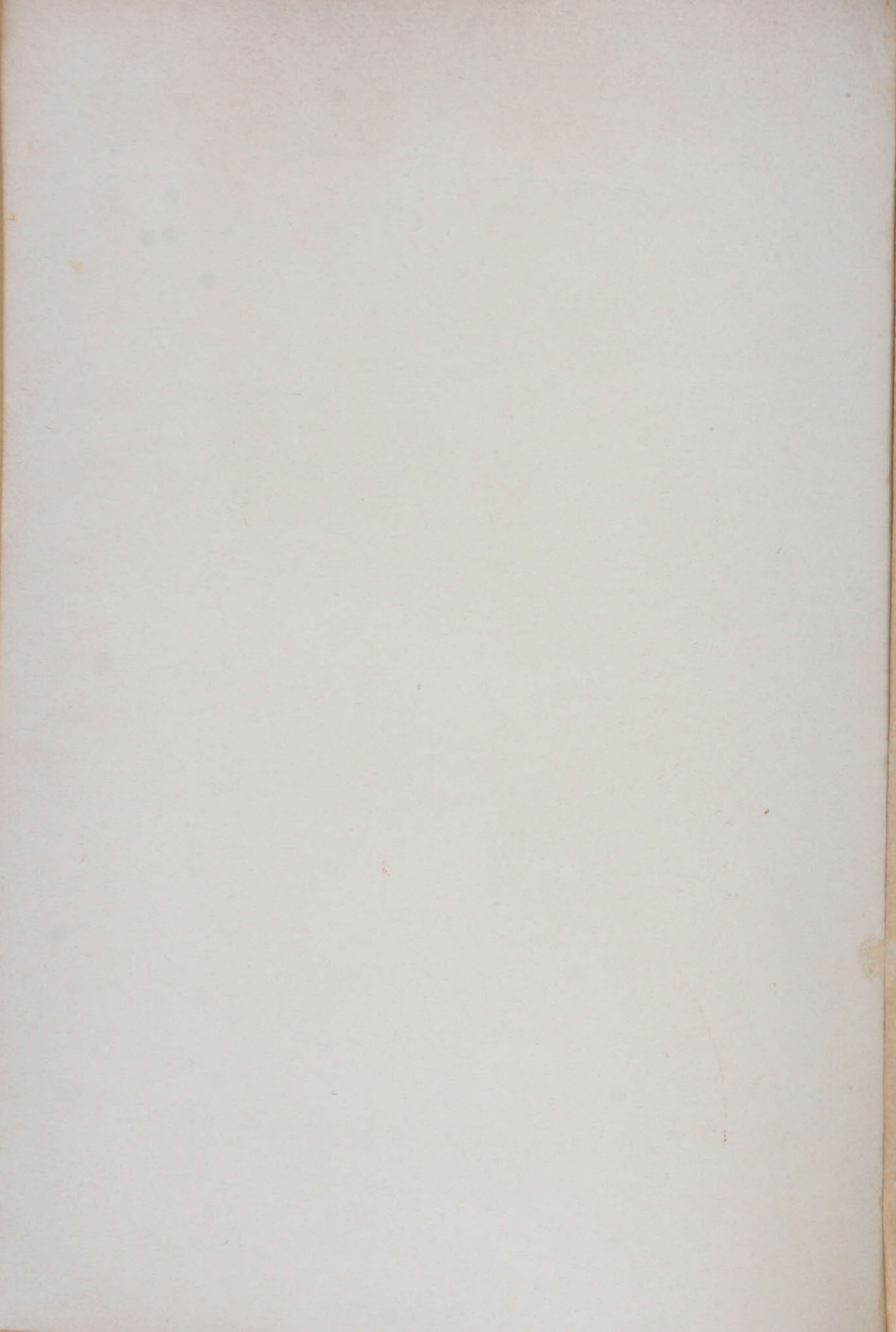
O que havia, pois, a fazer era, do mesmo modo que a Guarda Municipal procedera com as tropas sublevadas no Campo de Santo Ovidio, procederem tambem para com ella, aconselhando-a a abandonar a sua attitude es-  
pectante e a adherir ao movimento insurreccional: o regimento d'infantaria n.º 18 havia adherido, não era rasoavel nem patriotico que a Guarda Municipal o não fizesse.

As tropas sublevadas não tinham a menor intenção de fazer derramar sangue de irmãos d'armas: não dese-

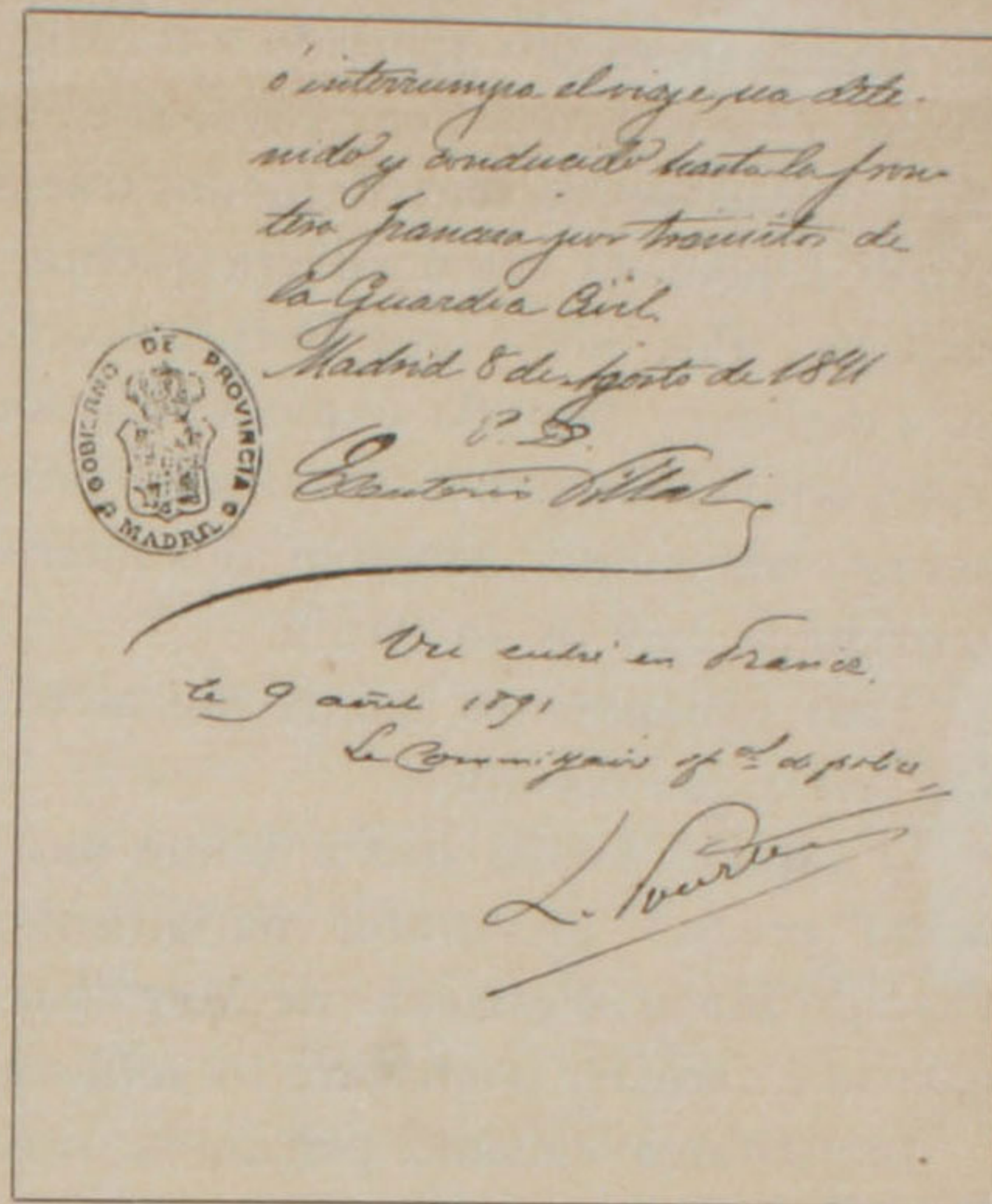


A BANDEIRA DA REVOLTA

Reprodução de uma aguarella de Roque Gameiro — Esta bandeira pertencia ao Centro Democratico Federal 15 de Novembro, do Porto, e esteve içada na casa da camara, enquanto a Revolta triumphou.



javam uma lucta fratricida, tanto menos presumivel que, sem excepções, todo o exercito se sentia impellido a resgatar o paiz da humilhante situação em que se encontrava, por virtude dos actos dos governos da monarchia que não se inspiravam nos sagrados interesses nacionaes.



*Ordem d'expulsão do emigrado Infante da Camara  
que fez parte do grupo de manifestantes  
contra o sr. Emydio Navarro, em Madrid.*

(Reverso)

Não. A Guarda Municipal era com as tropas de Revolta. Se estas não tinham a commandal-as officiaes cujas patentes e cujos nomes se não impunham, bem certo era que o regimento d'infanteria n.º 18, com o seu coronel e com os seus officiaes tinham adherido ao movimento revolucionario, e não havia que hesitar. Os tres officiaes que se encontravam com as forças sublevadas, alli, não queriam reivindicar nenhum direito de superioridade; contentavam-se bem com a satisfação da sua iniciativa e, nem por si, nem pelos seus subordinados, reclamavam nem outros postos, nem outras honras. Se outras ideias germinavam no espirito dos que não tinham

até áquelle momento adherido á Revolta, que se desillussem. Que o throno desaparecesse: mais nada. A nação governar-se-hia sem profundas transformações. Ellas viriam depois. O essencial era quebrar com a ominosa tradicção. Por ella é que Portugal vergava ao pezo de tanta deshonra, por ella é que a vida social vinha sendo insupportavel. Governar-nos-hiamos nós como irmãos, no mesmo sentimento commum dos interesses individuaes coincidindo com os da Patria.

Taes pensamentos animavam as tropas sublevadas. Não havia que discutir.

O capitão Leitão iria á frente das forças e no momento preciso procuraria parlamentar com o chefe d'Estado Maior, Fernando de Magalhães, em cuja intelligencia e character confiavam os sublevados para decidir.

Inquestionavelmente, pensou-se, o resultado não podia differir do que se esperava.

Assim, as forças sublevadas, na attitude militar mais pacifica, na formação menos hostil, e seguindo o caminho menos proprio para travar uma lucta, seguiriam até se avistar com as forças da Guarda Municipal.

E assim foi.

Pela ordem natural, em columna de marcha a quatro, com a banda d'infanteria n.º 10 á frente, seguiram as forças da Revolta, Rua de Santo Antonio acima: a Guarda Fiscal formando na testa da columna e successivamente caçadores n.º 9 e infantaria n.º 10.

Immensa multidão acompanhava as forças da Revolta. A rua, pejada completamente, apresentava um aspecto magnifico de animação e alegria. Brados successivos rompiam victoriando os revoltosos. Das janellas agitavam lenços, rompiam vivas, estridulavam palmas. Sentia-se



como um phrenezi de enthusiasmo, um arrebatamento de satisfação. Era a absoluta communhão de pensamento que agitava todas as almas, sentindo a patria livre, liberar-se para o futuro um vôo amplo a toda a envergadura das suas azas potentes.

E n'um passo, que o pendor da rua tornava mais lento, ia subindo o exercito da Republica.

De repente, subitamente, inesperadamente a marcha deteve-se. Uma commoção violenta agitou aquella massa compacta de homens. N'um segundo, em menos que um segundo, um grande e precipitado movimento de recuo. Os populares, n'um movimento instinctivo penetram nas fileiras como procurando um abrigo. Ha um grito unisono d'espanto, tão grande, tão poderoso que não se percebem os primeiros tiros disparados lá cima, no alto da rua.

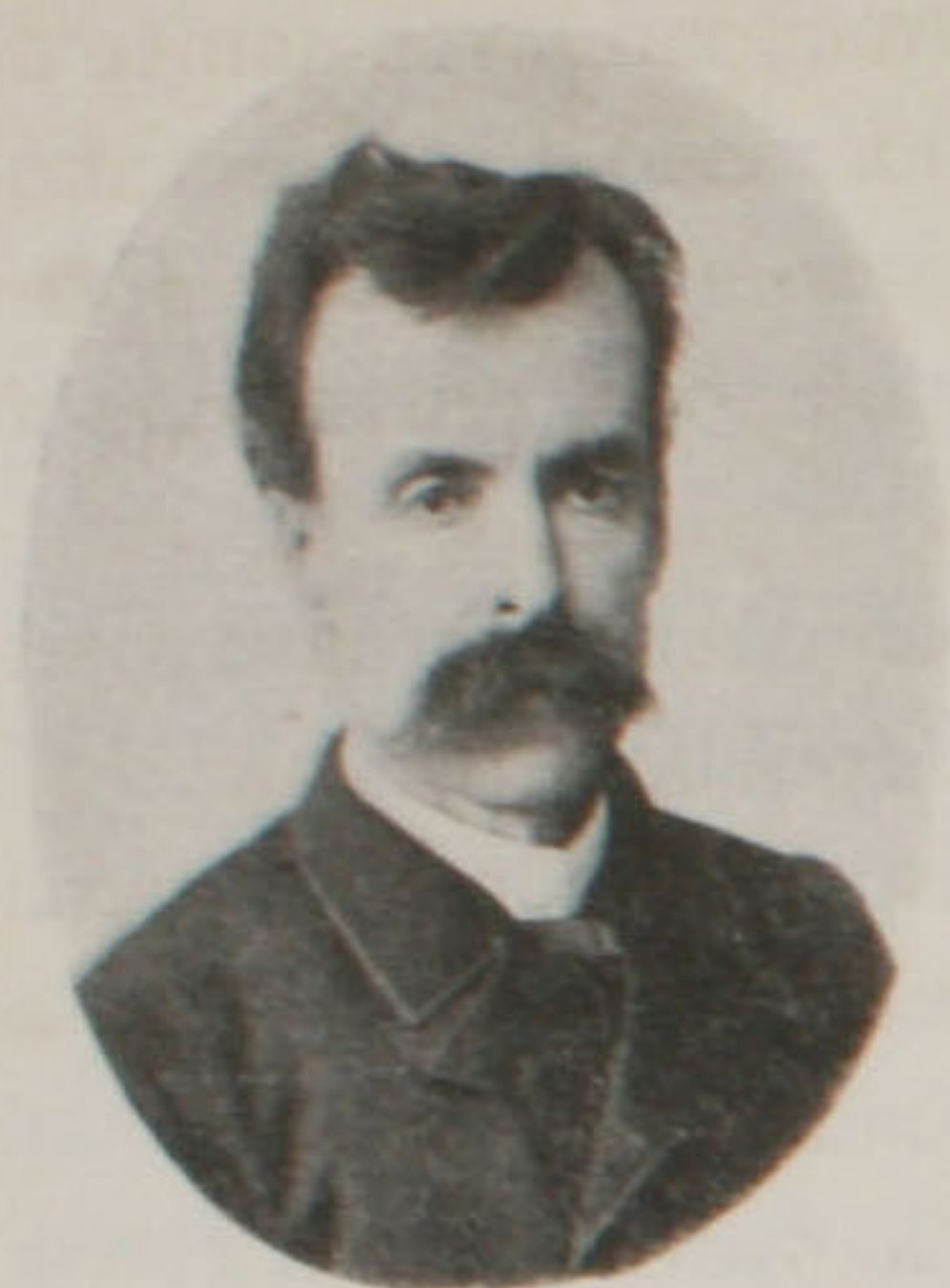
Impellida pela força colossal d'essa enorme multidão, a columna desordena-se, dissolve-se; mal se percebem os soldados entre a multidão. Não ha vozes de commando que se oiçam entre os mais proximos; não ha toques de corneta que consigam romper aquelle estrepitoso vosear da multidão, colhida de improviso pelo terror. E' uma vaga colossal, gigantesca que quebra com fragor de resaca, fazendo saltar em pulverisações a onda agitada.

O que se passára?

Ao testemunho dos que foram actores n'esse grande drama, vamos procurar a explicação do facto.

Falla o capitão Leitão:

«Avancei até á viella chamada dos Banhos ou Portal dos Banhos, do lado direito da rua, indo a força mais á direita do que á esquerda. De repente vejo que o povo



OS MEMBROS DO GOVERNO PROVISÓRIO  
Rodrigues de Freitas

se divide e hesita; olho para cima, e a guarda municipal estava de armas cruzadas. Entendi que, como se dá quasi sempre em casos d'estes, que o povo tinha dirigido algumas chufas á guarda municipal. Ia a seguir para a frente, quando presenciei que dois soldados da guarda fiscal, sahindo da fórmula, se dispunham a disparar as armas contra a municipal; corri para elles e, agarran-

do-os, obriguei-os a entrar na ordem. «A municipal não nos faz mal» — disse-lhes. E eu disse isto (*exaltando-se*) e tinha razões fortes para o dizer. Talvez que essas razões venham ainda a publico, se fôr necessario.

«Depois de fazer entrar os dois homens na fórmula, fiz isto (*levantando os braços*) e (*com ironia*) elles não viram; não viram porque não quizeram! Esta é a pura verdade: viram perfeitamente, e vieram aqui mentir redonda e infamemente! Mais tarde hão-de de provar-se estas verdades.

«A musica continuou a tocar; mas elles dizem que não! É infame! Apesar das minhas palavras não merecerem credito, ellas são a fiel expressão da verdade.

«Disseram ahi que fizeram toques; mas quando e como? Cada regimento, cada força, todos têm o seu signal. Mas (*com violencia*) quem os fez? Que toques eram esses? Que tinha eu com elles? A que visavam? Quem os ouviu?

«Disseram ahi algumas testemunhas que não ouvi-

ram taes toques; outros que era impossivel terem-se dado; uns e outros tinham razão. Os toques só têm uma ou duas notas, e nem mesmo que elle os dêssem, poderiam ouvir-se? Certamente que não; era uma força muito grande e grande o ruido que os populares faziam.

«Além d'isso, a força podia lá conhecer tal signal? Eu quero que os officiaes venham aqui responder a estas minhas perguntas: Quaes foram os signaes? Deram-os ás differentes forças, a infantaria 10, a caçadores, ao 18 e á guarda fiscal? Esta nem sequer tem signal!

«Depois do que narrei, continuei a avançar, tão convencido estava eu de que não havia nada a receiar. Eu ia apresentar-me ao quartel-general, não ia para um combate. A força continuava a avançar a quatro passos, sendo a testa da columna formada pela guarda fiscal. Déram-se alguns passos — quatro talvez, e, de repente, a guarda fiscal recuou, recuando com ella toda a columna. A guarda municipal deu-nos então uma descarga, que eu não esperava, nem devia esperar.

«Eu não accuso ninguém. N'um jornal appareceu referencia a uma carta que eu dirigi a meu irmão, pedindo-lhe que olhasse por meus filhos. N'essa carta fazia eu allusão a um individuo, de quem, no emtanto, não dizia o nome. A carta foi apprehendida pelo commisario — o Adriano — o que levou o meu irmão a, quando me foi vêr á Relação, dizer-me que não tornasse a escrever cousas que me compromettessem, dizendo eu que não compromettia ninguém.

«Como disse, fui recebido com uma descarga, indo eu a quatro, facto este que elles viram, embora tão infame-mente o negassem. Eu não fiquei aterrado; eu não sou covarde, não, não o sou. Da força, uns cahiram para a

direita, estes no maior numero, outros sobre a esquerda. Eu entrei para uma casa, mas não tão depressa que uma bala, vinda de raspão, me não ferisse na cabeça; deixei, porém, correr o sangue, não me importando com a ferida.

«A primeira descarga não foi, portanto, feita com pontarias tão altas que as balas não ferissem logo... Póde ser que alguns soldados, mais conscienciosos, levantassem um pouco as armas.

«Não conseguira chegar ao local onde me dirigia e via uma grande desgraça! Eu entrei na tal casa, em companhia de um corneteiro do meu regimento, outro da guarda fiscal e uma praça não sei de qual regimento. Mandei fazer toques repetidos de cessar fogo, mas não ouviram, continuando a fazer fogo contra nós.

«No emtanto, eu não sei como elles estariam — se com muita valentia, se com medo. Eu estava de frente; elles achavam-se collocados por detraz de pedras, fazendo fogo de atiradores. Que valentes!

«Se eu advinhasse que tratava com tal gente, eu procederia de outra fórma, e hoje não me alcunhariam de imbecil. Eu avançava com a maior serenidade, e nem mesmo me passava pela mente que ia para um ataque. Suppunha-os plenamente seguros e, como já disse, tinha razões para isso.

«Se eu entendesse, se eu suspeitasse do que me esperava, eu não teria duvida, não teria receio algum de os atacar. Não era a guarda municipal, que de poucas forças dispunha, pois não estava toda reunida (e nem mesmo que o estivesse) que derrotaria as forças de que eu dispunha. Eu cercal-a-hia, e isso mesmo sem grandes planos estrategicos, e forçal-a-hia a render-se, sem messmo di-

parar um tiro, e não se daria a grande desgraça que se deu.

«Eu envolvia a guarda e ella não poderia resistir. Não lhe chamem, pois, valentes, porque o não são. Estava espantado de um tal procedimento. «Eu não ia para isto» — disse na casa em que entrei. E esta é a verdade; e a prova é que, alguém que ouviu essa minha phrase, já aqui a referiu. Não digo isto para declinar responsabilidades, porque não quero declinal-as». <sup>(1)</sup>



OS MEMBROS DO GOVERNO PROVISÓRIO  
Joaquim Azevedo Albuquerque

Em acareação havida entre o major Graça, o capitão Leitão e o corneteiro que acompanhava este para fazer os toques de ordens disse-se o seguinte:

«*Aud.* — O snr. major disse nos aqui que quando os revoltosos subiam a rua de Santo Antonio mandou fazer o toque de alto e meia volta. Diz o capitão Leitão que não ouviu esses toques e ainda que não lhe consta que elles tivessem sido precedidos dos signaes especiaes para cada regimento.

*Major Graça* — Não, senhor. Não tinha que fazer toques especiaes para revoltosos. O que me moveu a fazer toques repetidos, foi o dó que me causava descarregar logo sobre tantos populares e muitas pessoas que estavam pelas janellas. Como o toque de alto só tem duas notas, convenho que não ouviriam, mas por me lembrar d'isso mesmo mandei fazer o toque de alto e meia volta,

(1) Depoimento do capitão Leitão, no 2.º conselho de guerra.

que é mais extenso; pelo menos tem quatro compassos.

«*Aud.* — Mas allega o capitão Leitão que fez repetidos toques de cessar fogo. O major ouviu-os?

«*Major Graça* — Não, senhor. Se os ouvisse mandaria parar immediatamente, porque não desejava matar ninguém. E não admira que não ouvisse porque — digo-o em abono da verdade — o fogo era nutrido, de parte a parte.

«*Prom.* — Qual era o corpo que ia á frente da columna?

«*Major Graça* — Não sei. O fardamento era escuro. Talvez caçadores ou guarda fiscal.

«(Entrou o corneteiro Augusto Casimiro, que se tinha refugiado com o capitão Leitão n'uma casa da rua de Santo Antonio.)

«*Aud.* — O réo acompanhou o snr. capitão Leitão. Elle mandou-lhe fazer alguns toques?

«*Corneteiro* — Sim, senhor, de cessar fogo. Fil-o por varias vezes.

«*Aud.* — Quando subia a rua de Santo Antonio ouviu alguns toques?

«*Corneteiro* — Não, senhor. Depois dos toques que eu dei a cessar fogo é que ouvi de lá responderem com o toque de fogo vivo.

«*Prom.* — Mas está certo que era o toque de fogo vivo?

«*Corneteiro* — Sim, senhor.

«*Um vogal do conselho* — E elles cessaram?» <sup>(1)</sup>

Meudas referencias mais se fizeram nos conselhos de guerra ao facto, as quaes permittem estabelecer como

---

(1) Acareação entre o major Graça e o corneteiro d'ordens do capitão Leitão, no 2.º conselho de guerra.

começou e se desenvolveu o combate da Rua de Santo Antonio. Resulta de tudo o que fica dito que, inesperadamente, e por via da falta de disciplina militar que a policia fiscal não possuia, uma ou duas praças d'essa policia, sahindo da forma, fizeram dois ou trez tiros sobre a Guarda Municipal. O major Graça, que se abrigava pelo predio que faz esquina da Rua de Santo Antonio e Largo de Santo Ildefonso, não podendo apreciar a attitude das forças sublevadas, logo que ouviu aquelles tiros, ordenou o toque de fogo ás suas forças, reiterando-o, e mandando em seguida que se fizesse fogo vivo, pelo corneteiro sob suas ordens.

Estabelecido o panico entre o povo que acompanhava as forças revolucionarias, não foi possivel evitar que a desordem se transmittisse a toda a columna que instantaneamente se dissolveu n'aquella onda tumultuosa.

Desordenadamente, em quanto os populares conseguiam, correndo, descer a Rua de Santo Antonio e outros se refugiavam nos predios que a ladeiam, os soldados da Revolta agrupavam-se, junto de alguns portaes, fugiam, ou occultavam-se tambem nos predios, como lhes era possivel; ou então, deitados no chão, procuravam offerer o menor alvo possivel ao fogo que vinha da Guarda Municipal. Dentro de dois ou trez minutos, a rua, que até alli regorgitava de gente, appareceu como deserta. Parecia que uma tempestade tinha arrebatado a enorme multidão.

Refeitos, porem, d'essa desordem e do espanto que causara o subito inicio da lucta, em pequenos grupos, ou isoladamente, os soldados da Revolta começaram um fogo nutrido contra a Guarda Municipal.

Do solo, que parecia juncado de cadaveres, levan-

tavam-se rapidamente, e rapidamente corriam a procurar um abrigo aquelles que se haviam deitado, e, tomados de um phrenetico desejo de lucta, disparavam contra os adversarios, vivamente, sem descanso, até que as munições se lhes esgotavam.

Eram principalmente da Guarda Fiscal e de caçadores n.º 9 os combatentes da Rua de Santo Antonio, porque o regimento d'infantaria n.º 10, ao começar o tiroteio, estando no fundo da rua, forçado a recuar, não podia intervir na lucta, seguindo para a casa da camara onde se manteve até que a intervenção da artilharia poz termo á lucta.

Poude ver-se então o que teria sido o combate se as forças revolucionarias tivessem marchado sobre a Praça da Batalha em disposição hostil.

Incontestavelmente, a Guarda Municipal não poderia manter-se nas suas posições; e, nem pelo numero, nem pela dextresa offerecia uma resistencia demorada. Effectivamente, a Guarda Municipal não estava sufficientemente instruida no uso da espingarda Kropatschek que ha muito pouco tempo lhe fora distribuida; o serviço especial de policia, em que era empregada, não dava logar a que pudesse evolucionar convenientemente em combate, em quanto que os adversarios, tendo passado pela carreira de tiro em exercicios reiterados, tendo feito o ultimo periodo d'instrucção em continuos exercicios, estavam perfeitamente aptos para se medir com a Guarda Municipal.

Colhidos, porém, de improviso, não tendo adoptado a menor disposição defensiva, marchando em uma columna profunda, subindo a rua pelo lado em que menos seria possivel fazer fogo, sem se exporem completamente, as



tropas sublevadas não operaram a resistência regular que tivesse o aspecto de um combate. A multidão de populares, espavorida, desfazendo a formação, não deixou que, ao menos em volta dos mais graduados, se reunissem em grupos as tropas dispersas, que poderiam envolver a Guarda Municipal e estabelecer a lucta em condições mais favoraveis.



2.º SARGENTO PINHO,  
DA GUARDA FISCAL  
(15 annos de degedo)

Assim, passados os primeiros instantes de confusão, alguns dos soldados da Revolta, a quem o impulso da multidão levou para o lado oriental da Rua de Santo Antonio, puderam começar um fogo bem nutrido contra a Guarda Municipal, uns aproveitando a circumstancia de estarem abertos os portaes d'alguns predios, outros das janellas das casas onde se refugiaram.

N'um ou n'outro ponto podiam ver-se em plena rua, inteiramente expostos, em pé, com uma serenidade maravilhosa, alguns dos revoltosos, fazendo fogo sobre os adversarios.

Agora a lucta offerecia um aspecto tragico.

A rua estava livre da multidão que a enchia: apenas alguns combatentes, friamente fazendo as pontarias e desfechando, sem precipitação. Estendidos no solo alguns cadaveres, ou alguns feridos; dispersos alguns armamentos e variados objectos na precipitação da fuga.

Zumbiam os projecteis, sibilando, e ouviam-se estampidos seccos e agudos de detonações. Os fios telegraphicos distendidos ao longo da rua, vibravam sinistramente, precutidos pelas balas.

Nenhum ruido mais que esses se misturava áquelle fragor de peleja.

A Guarda Municipal, abrigada pelas varandas de pedra que guarnecem as escadas e patamares que dão acesso á Igreja de Santo Ildefonso, conservara-se na defensiva até que se ouviu na Praça de D. Pedro o primeiro tiro d'artilharia.

Percebeu-se desde esse momento que a lucta não poderia prolongar-se por parte das tropas revolucionarias. Era inutil resistir, attentas as pessimas condições em que o combate se estava travando.

A acção não tinha unidade; nenhuma connexão existia entre os grupos, aliás limitados a pequenissimo numero de homens, que se encontravam empenhados no combate. Se ainda as forças que se reuniram no edificio da Camara se tivessem dividido em duas ou trez fracções vindo atacar a Guarda Municipal, de flanco, pelas Ruas de Santa Catharina, e Cimo de Villa, e de revez, pela Rua de Santo Ildefonso, seria possivel prolongar a resistencia em condições de victoria, mesmo depois da intervenção da artilharia. Mas essas forças não abandonaram os Paços do Concelho, servindo de alvo ao ataque da artilharia que as desalojou.

O retorno offensivo que não era difficil de operar por parte das tropas sublevadas teria, sem duvida alguma, feito inclinar a victoria a seu favor. Mas o capitão Leitão só poudo chegar tarde aos Paços do Concelho para tomar essa resolução, visto que para abandonar a casa da Rua de Santo Antonio onde se refugiara teve de atravessar os quintaes que medeiam entre essa rua e a de Passos Manoel, e que não communicavam entre si, havendo necessidade de escalar-lhes os muros. Alem d'isso, os outros dois officiaes e a maioria dos sargentos ficaram encurralados nas casas da banda occidental da rua de Santo

Antonio, mettidos entre os fogos que se faziam n'essa rua e os que viessem da Rua da Madeira, tambem occupada pela Guarda Municipal. A sahida de pequenos grupos por qualquer d'essas duas ruas era quasi impossivel, sem que se ficasse exposto ao fogo do adversario, ao qual se não podia oppor um fogo de defesa.

O combate na Rua de Santo Antonio estava prestes a terminar.

Entretanto a lucta accentuava-se na Praça de D. Pedro.

Pequenas fracções de tropas da Guarda Municipal, defendendo o accesso á esquina da Igreja dos Congregados da bateria de artilharia que viera da Serra do Pilar, romperam o fogo contra os revoltosos installados no edificio Municipal, a que estes responderam com energia.

Inutilmente se fizeram da Camara descargas. O pequeno alvo que offereciam os adversarios, abrigados pelos edificios que, rodeando a Praça de D. Pedro fazem esquina para os lados das ruas dos Clerigos e de Santo Antonio, fazia que o fogo dos revoltosos fosse quasi totalmente perdido.

Pormenorizando esta phase da lucta diz o sargento Abilio :

«Vendo ser insustentavel a nossa posição (na Rua de Santo Antonio), dirigimo-nos á casa da Camara e alli permanecemos até á chegada do capitão Leitão. Vi alli chegar o sr. alferes Eça, que se dizia nada saber do movimento. E como de facto não sabia, e considerando-o eu como espião do snr. general, disse para o capitão Leitão: «V. Ex.<sup>a</sup> conhece este alferes; que virá elle cá fazer?», ao que o capitão Leitão me respondeu: «Co-

nheço; nada receie». Esta resposta levou-me a retorquir: «V. Ex.<sup>a</sup> é muito ingenuo.»

«Devo dizer que o sr. alferes Eça era muito respeitado e estimado no regimento de caçadores 9, e muito meu amigo, e eu nunca consentiria que alguém o offendesse; mas n'aquelle momento não gostei de vê-lo alli. Na casa da camara iam entrando paizanos e militares emquanto a fuzilaria continuava na rua de Santo Antonio. Depois estabeleceram a artilharia na praça de D. Pedro, parecendo-nos que os primeiros tiros eram de polvora secca; todavia, os artilheiros, contra a minha expectativa, eram em nosso desfavor e por isso ordenei a um soldado que atirasse a um dos artilheiros, o que fez, parecendo-me que lhe acertára com uma bala. Então veio um tiro de peça, a valer, que arrombou a porta do edificio. Eu sabia que a artilharia tinha comsigo só 38 tiros e que se os gastasse sem conseguir arrombar a porta, nem eu, nem os meus camaradas nos rendiamos. O fogo continuou contra a camara e por muito tempo, quando já lá não estava ninguem. Eu fui o ultimo a sahir, quando já o capitão Leitão se tinha retirado. Sahi pelas trazeiras, e, sem munições, metti-me n'uma casa. Quando n'ella appareceram os soldados da Guarda Municipal a perguntar se alli se occultava algum militar, o dono da casa veio perguntar-me o que queria que eu dissesse a esses agentes da auctoridade. Respondi-lhe que declarasse que estava eu. Vieram os municipaes, que cruzaram as espingardas carregadas diante de mim. «Estou desarmado; não lhes faço mal; pódem levar-me». A estas palavras os soldados conduziram-me preso.» (1)

1) Depoimento do 1.<sup>o</sup> sargento Abílio no 1.<sup>o</sup> conselho de guerra.

A um dos jornaes da epocha vamos buscar tambem algumas notas relativas a essa lucta :

«Em cima, no adro escalonado de Santo Ildefonso, formava a Guarda Municipal, guardando a entrada da Batalha pelas ruas de Santa Catharina, Santo Antonio, Santo Ildefonso e de Cimo de de Villa, e viela da Madeira. A entrada pelas ruas de Entreparedes e Alexandre Herculano vedavam-na 100 praças fieis da guarda-fiscal. No lado nascente do theatro de S. João formava cavallaria 6, cobrindo o edificio do quartel-general e governo civil.

«Ao chegarem os insurrectos e os curiosos que os seguiam á altura do portão dos Banhos, foi-lhes intimada ordem de fazer alto pelas cornetas da Guarda Municipal. Não obedeceram, e, dizem algumas testemunhas presencias, um paizano disparou um tiro sobre a guarda.

«Então esta fez a primeira descarga, dizem ainda que para o ar, rompendo logo vivo tiroteio entre os insurrectos e os municipaes.

«Não se descreve, nem se calcula, o que foi n'esse momento a rua de Santo Antonio. Os populares, a maior parte dos quaes acompanhavam o movimento por simples curiosidade, retrocederam precipitadamente, caindo, atropellando-se, esmagando-se uns aos outros, invadindo as escadas dos predios, as portas abertas, rolando pelas escadarias da passagem do Principe Real. No leito da rua jaziam alguns cadaveres, arrastavam-se os feridos. A calçada achava-se juncada de chapéus, armas, capacetes, chales de mulher, calçado de toda a ordem. Os gritos, os gemidos, o crepitar da fusilaria, eram medonhos.

«Os insurrectos, logo á primeira descarga da guarda,



2.º SARGENTO  
FERNANDES,  
D'INFANTARIA 19  
(15 annos de  
degreço)

escalonaram-se em atiradores, pela rua abaixo, e sustentaram o fogo durante algum tempo. Depois, foram retirando, e quando chegaram á praça de D. Pedro, uns porque haviam ficado mortos ou feridos, outros porque se esconderam em varios predios da rua Santo Antonio, muitos ainda por abandonarem o movimento, eram, ao que se affirma, uns cento e cincoenta.

«Na praça, o panico era enorme. Ninguem se entendia. Dois ou tres populares haviam sido alvejados pelas balas da guarda. No alto dos Clerigos, o sr. José Gustavo Adolfo Alves d'Almeida Guimarães, um excellente rapaz, irmão do nosso collega sr. Jayme Filinto, recebeu uma bala no baixo ventre, succumbindo pouco depois.

«Na rua de Santo Antonio ficara, segundo dizem, o alferes de caçadores 9, Malheiro, que commandava os insurrectos d'aquelle corpo.

«Tomados de panico geral, os revoltosos refugiaram-se no edificio da camara e ahi se fortificaram.

«Então as forças fieis pozeram cerco ao edificio. Uma força da Guarda Municipal abrigou-se por detraz do kiosque de ferro que fica em frente dos paços do concelho e varejou as janellas, d'onde os insurrectos respondiam, a principio com fogo nutrido, e pouco a pouco rareendo os tiros.

«Pouco depois, a bateria de montanha estacionada na Serra do Pilar desmontava as suas duas peças nos angulos dos Loyos e S. Bento, assestava-as contra a fachada do edificio e rompia o fogo, a principio com polvora secca e depois com bala, causando grandes estragos nas salas do primeiro andar.» (1)

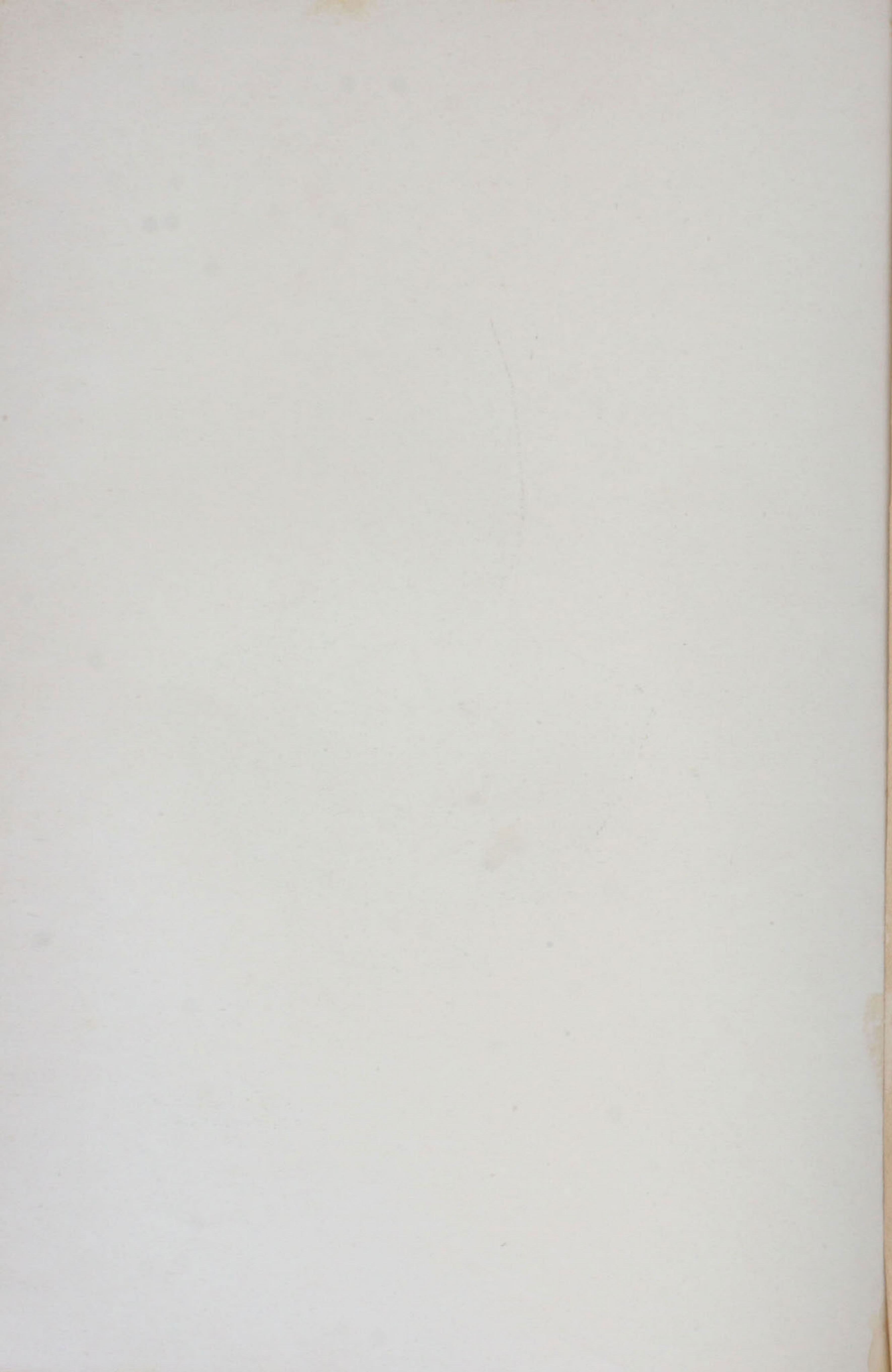
---

(1) Primeiro de Janeiro de 1 de fevereiro de 1891.



*Paes Pinto*

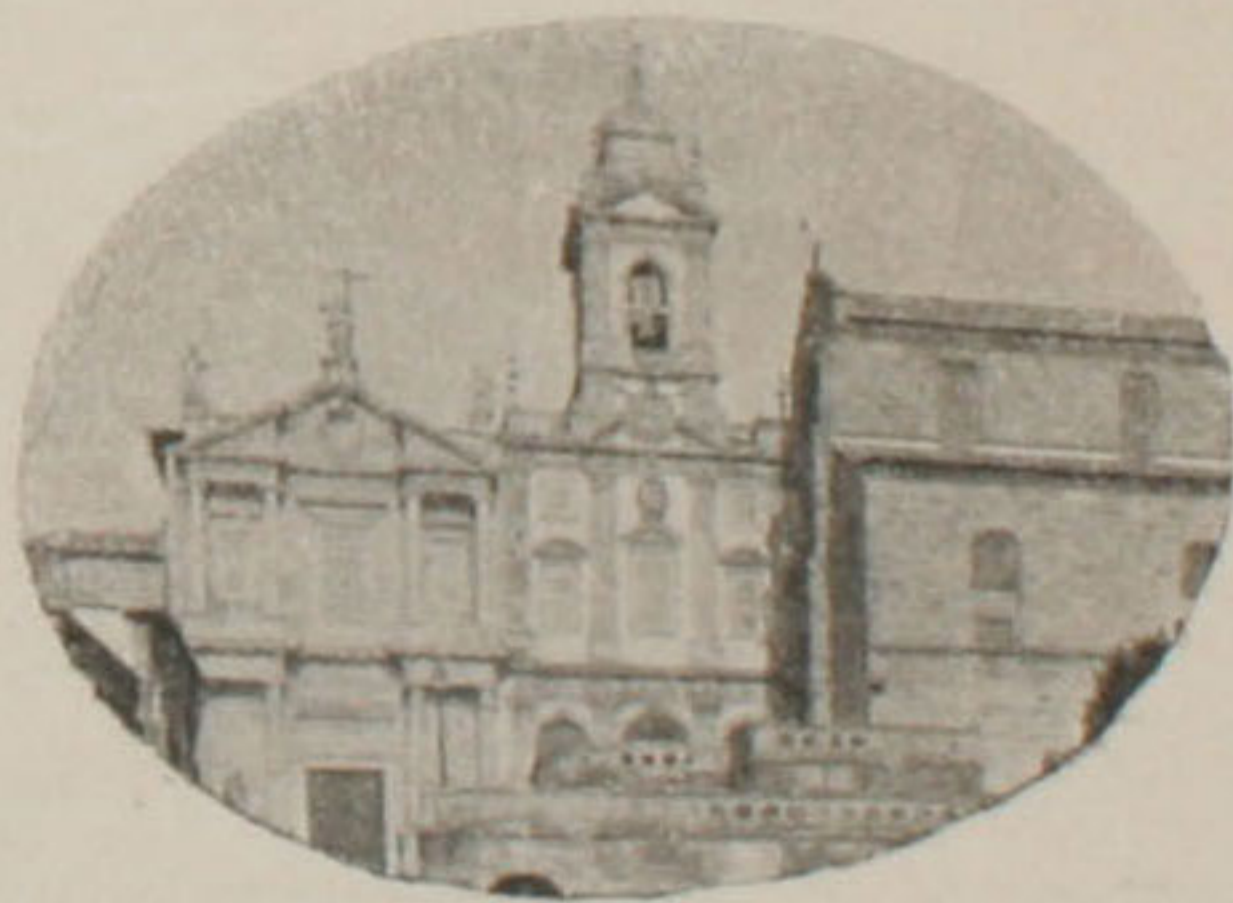
DR. JOÃO PAES PINTO, *abade de*  
*S. Nicoláo* (em 1894).

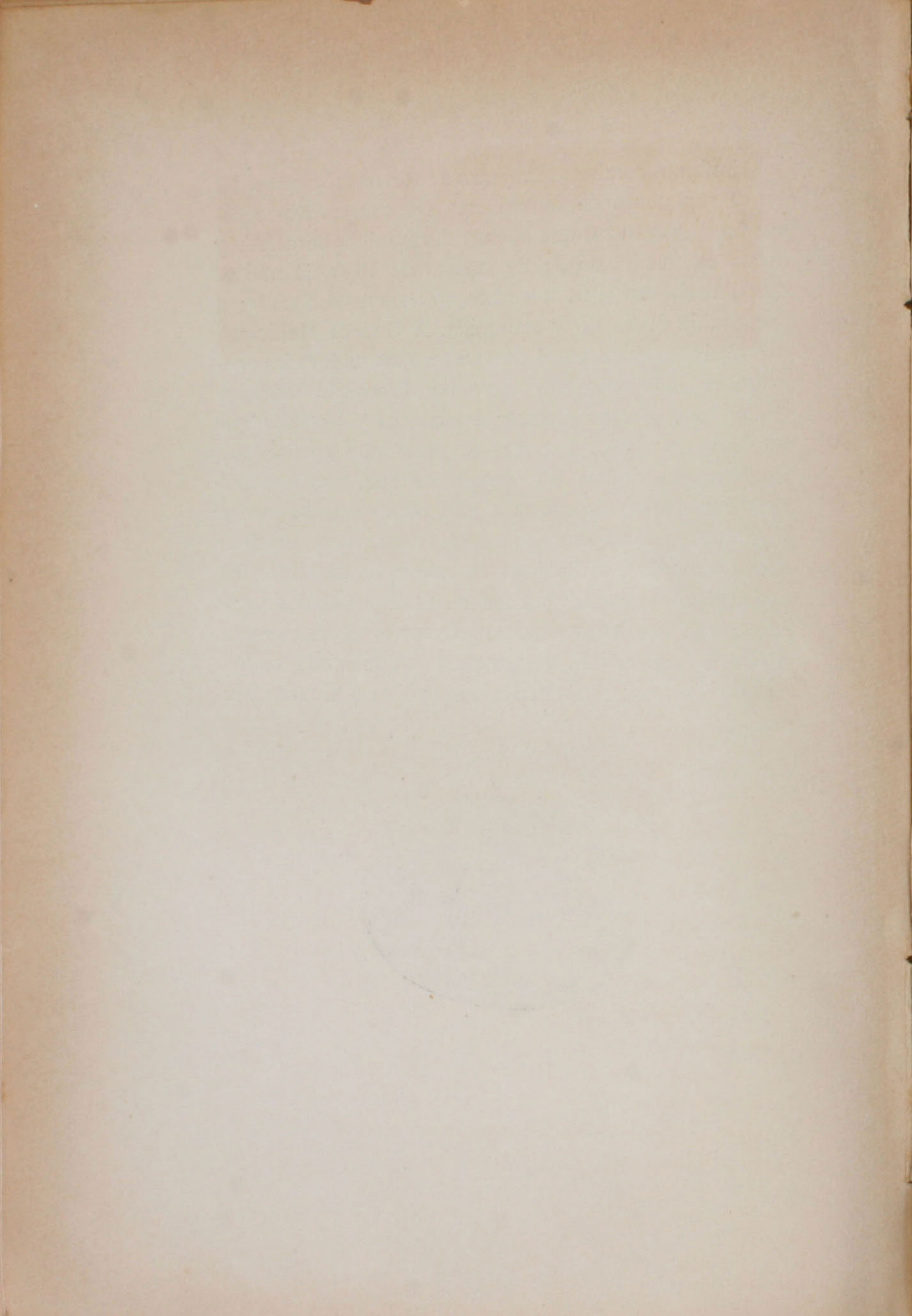




Emfim, o combate terminara e a Revolta fôra vencida.

O regimento d'infantaria n.º 18, conservava-se estranho a essa lucta, que apenas durara duas horas. A's 9 horas da manhã de 31 de janeiro de 1891, já não se ouvia mais um tiro: a revolução estava suffocada; a monarchia podia viver tranquilla. A Guarda Municipal, mercê da maneira gentil como as tropas sublevadas procederam, não tomando nenhuma disposição offensiva contra ella, pôde alcançar a facil victoria no combate que mal se esboçara e que se prolongou apenas pela iniciativa de muitos dos revoltosos que, não havendo recebido ordens especiaes e não tendo podido formar fracções regulares e mais ou menos numerosas, resistiram animosamente e virilmente, emquanto as munições lh'o permittiram e emquanto a manifesta dispersão das forças revoltosas deu logar a que o adversario alcançasse uma decidida superioridade numerica, augmentada com o auxilio da força de artilharia que apoiou a Guarda Municipal.







## CAPITULO XXII

A derrota das tropas sublevadas fôra rapida e facil. Seria difficil, em verdade, comprehender como uma força que attingia um effectivo proximamente duplo d'aquelle de que dispunha a Guarda Municipal fôra tão facilmente vencida.

Mal se explicaria que soldados, cuja instrucção technica era muito superior á d'aquella Guarda, abandonassem tão depressa uma lucta em que tudo lhes era favoravel, se não fosse absolutamente evidente que elles não marcharam contra o adversario com a menor intenção hostil.

O que, porém, não era facil de saber era a razão pela qual os revoltosos não se preveniram contra a eventualidade de serem recebidos a tiro, quando apparecessem ás forças da Guarda Municipal.

Taes duvidas appareceram no espirito das pessoas que, consummados os factos, pretenderam fazer a critica aos actos dos revoltosos, querendo, por ignorancia dos antecedentes, e pelo desejo de ser agradaveis ás instituições victoriosas, fazer sobresahir os talentos militares dos vencedores, em contraste com a provada incapacidade dos chefes da Revolta.

O facto importante era que não se cria na opposição decidida da Guarda Municipal, o que é, ainda depois da sua victoria, posto em evidencia pela circumstancia de ter sido da parte dos revoltosos que partiram os primeiros tiros.

Se estes tiros se não tivessem feito, se esta provocação á lucta não houvesse tido logar, os successos teriam tido um desenlace bem diverso.

O receio que, em seguida á derrota, invadiu quasi toda a gente, o desejo que muitos individuos tinham, então, de se mostrar defensores extremos das instituições vencedoras não deixou fazer luz bastantes sobre os acontecimentos que acompanharam, fóra do Porto, aquelles que n'essa cidade se desenrolaram e que deixamos descriptos.

A verdade é que os regimentos das provincias, quasi todos se manifestaram em favor do movimento revolucionario, e assim é que, mesmo marchando alguns sobre o Porto, por ordem do Quartel General, durante o tracto levantavam vivas á Republica, sendo tão evidente a sua attitude revolucionaria que foi ordenado que a sua marcha fosse sustada, ficando a uma distancia tal da cidade que não houvesse occcasião de intervirem na lucta.

O mesmo regimento d'infantaria n.º 18 só as 10 horas da manhã, terminado completamente o combate, finda

inteiramente a lucta, veio, a bandeira desfraldada, apresentar-se ao Quartel General. (1)

Um dos regimentos do Norte, que chegou a desembarcar na Estação de Campanhã, ahi mesmo levantou vivas á Republica. Muitas praças do regimento de caçadores n.º 5 que faziam a guarda ás prisões onde se encontravam os revoltosos que não haviam consêguido fugir, diziam-lhes que tinham feito mal em não prolongar a lucta até á sua chegada; porque o regimento fazia causa commum com a Revolta.



2.º SARGENTO BARROS,  
DA GUARDA FISCAL  
(15 annos de degredo)

Muitissimos factos que occorreram por essas provincias em fora demonstravam quanta sympathia merecia ao exercito a causa da Republica e é inquestionavel que houve o maximo cuidado em não pesquisar muito fundo nos successos para não pôr a nú o decidido antagonismo que havia entre a nação, e particularmente, entre o exercito e a monarchia.

Mas a victoria alcançada pela Guarda Municipal e que ella não sabia nem podia explicar, veio dar logar a um dos espectaculos mais tristes, mais dolorosos a que é dado assistir em taes circumstancias.

Na imprensa liam-se as coisas mais affrontosas para os vencidos. Cada qual curava de fazer jus ao melhor premio invectivando os vencidos. Uns, que, por um momento, sentiram ameaçada a sua integridade pessoal com a victoria dos republicanos, apontavam os revoltosos a todas as vinganças do poder. Outros, em nome dos principios da disciplina militar, lançavam sobre os vencidos

(1) Primeiro de Janeiro de 1 de fevereiro de 1801.

toda a sua colera e pediam á monarchia victoriosa que registasse com sangue o julgamento dos sublevados. Outros procuravam insinuar que a Revolta tivera como causa a intenção do saque aos Bancos e aos capitalistas. Cada um procurava distinguir-se pela mais feroz, pela mais insultuosa linguagem contra os vencidos.

Depois vieram as felicitações n'uma serie indefinida, algumas das quaes se distinguiram pela abjecção da linguagem. De certo essas mesmas corporações que tão graciosamente saudavam a victoria da monarchia teriam saudado com o mesmo, se não maior fervor a Republica, se fôra ella a que tivesse sido vencedora.

Ninguem, com effeito, queria a menor solidariedade com os vencidos. Se elles eram vencidos!

A imprensa republicana do Porto fôra supprimida, e a de Lisboa manifestava-se surprehendida pelo acontecimento que não conhecia e que achava inoportuno. Tambem é certo que, se algum jornal ousasse defender os revoltosos seria logo supprimido.

No furor de fazer mais palpitante a narrativa dos successos, traziam-se para a publicidade todos os pormenores da vida intima dos vencidos, procurando apresental-os á multidão, ou antes, ao poder, como homens que não mereciam respeito nem estima.

Era uma onda de malquerença e odio que se erguia espumante estuando em doestos e imprecações contra os vencidos.

Entretanto, eram suspensas as garantias e organisavam-se os primeiros trabalhos para a constituição dos tribunaes que deveriam julgar os revoltosos.

O governador civil do Porto publicava o edital que foi reproduzido a paginas 10.

O ministerio, por sua parte, publicava o seguinte decreto:

«Tomando em consideração os factos anormaes que estão occorrendo no districto do Porto, e a urgente necessidade de restabelecer o imperio das leis e a ordem publica alterada por attentados de excepcional gravidade, a que importa pôr cobro, precavendo tambem a sua criminosa repetição; e

«Attendendo ao disposto no § 34 do art. 145.º da carta constitucional da monarchia:

«Hei por bem, ouvido o conselho de ministros, decretar o seguinte:

«Artigo 1.º Ficam suspensas no districto do Porto, por espaço de trinta dias, todas as garantias individuaes, poder-se-ha prender sem culpa formada.

«Art. 2.º E' auctorisado o governador civil do mesmo districto a ordenar e tornar effectiva a suspensão dos jornaes, periodicos ou escriptos impressos ou lithographados, que attentam contra a manutenção da ordem e tranquillidade publica.

«§ unico. E' extensiva aos outros districtos a providencia d'este artigo.

«Art. 3.º As disposições d'este decreto são executorias desde a sua data.

«Art. 4.º O governo, logo que se reunirem as côrtes geraes da nação, dará conta ás mesmas côrtes do uso que tiver feito das faculdades que por este decreto lhe são concedidas.

«O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios da guerra, e os ministros e secretarios d'estado das outras repartições, assim o tenham entendido e façam executar.





«Paço, em 31 de janeiro de 1891. = REI. = *João Chrysostomo de Abreu e Souza* — *Antonio Candido Ribeiro da Costa* — *Antonio Emilio Correia de Sá Brandão* — *Augusto José da Cunha* — *Antonio José Ennes* — *José Vicente Barbosa du Bocage* — *Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira.*»

A seguir, começaram os protestos de adesão á monarchia, as saudações á guarda municipal, os louvores ás tropas fieis, que trouxeram os jornaes peçados por largo tempo.

A camara municipal do Porto, como era natural, abria a serie, e ia ella mesma a Lisboa entregar ao monarcha a mensagem que em seguida se lê:

«SENHOR!

«A cidade do Porto, de cujos sentimentos se considera interprete a sua Camara Municipal, viu com dôr e indignação a insurreição militar que se manifestou dentro dos seus muros no dia 31 de Janeiro.

«N'esse nefasto dia, uma parte da guarnição, esquecendo o juramento de fidelidade á sua bandeira, e ás instituições que nos regem, e não menos o dever da disciplina e da manutenção da ordem e da tranquillidade publica, praticou o maior dos attentados contra a patria, que na occasião actual se podia commetter.

«Attentando contra a monarchia liberal, que é o mais seguro esteio da independencia nacional, nem ao menos se ponderaram as criticas circumstancias em que nos collocam no actual momento as pretensões de uma poderosa nação sobre o nosso dominio africano e a situação da fazenda publica.

«E quando todo o cidadão que verdadeiramente ame

o seu paiz sente o inpreterivel dever de não crear o menor embaraço, nem levantar o menor estorvo á melhor solução de aquellas difficuldades e perigos, é que uns poucos de militares, e um insignificante numero de individuos da classe civil intentam, verdadeiramente obcecados, mudar a natureza das instituições fundamentaes, abolir a monarchia e precipitar o paiz na revolução á mão armada.

«Lamentando e condemnando estes actos, cujas deploraveis consequencias ninguem póde calcular, se por desgraça a insurreição houvesse triumphado, mas que desde logo, como sempre, trouxeram consigo sangue e lagrimas, afóra a perturbação economica e social, seus naturaes corollarios, não póde esta Camara Municipal deixar de consignar o facto de que a insurreição não foi acolhida pela cidade do Porto. Os habitantes d'esta populosa cidade conservaram-se alheios ao movimento, considerando-o um attentado que punha em risco a independencia nacional, que tem na monarchia mais liberal do mundo, e na dynastia que a representa, o mais seguro penhor d'essa independencia, que mais de sete seculos tem radicado, e que sessenta annos de dominação estrangeira nunca poderam enfraquecer nem abalar.

«Como é porém que, em taes circumstancias, foi possível realisar-se aquella deploravel insurreição, que veio accrescentar mais uma ás grandes difficuldades que temos a remover e debellar?

«Não basta repellir e condemnar os factos, é mister mais que tudo inquirir das causas que os tornaram possíveis e mesmo faceis. E a consciencia nacional interrogada responde sem hesitar, que erros de muitos annos; abusivas tolerancias em toda a especie de deveres sociaes

e publicos; quebras frequentes de disciplina, tanto na classe militar como em toda a ordem de serviços publicos; relaxação no cumprimento das obrigações de cada um; irresponsabilidade frequente para faltas de toda a ordem; deploraveis complacencias acobertadas com o que abusivamente se chama *a doçura dos nossos costumes*, taes parecem ser as causas geraes que permittiram e facilitaram tão deploraveis acontecimentos. E a Camara Municipal do Porto, n'este momento interprete dos sentimentos da cidade, entende que faltaria ao seu dever se não chamasse a attenção de V. M. sobre estes males, que é dever de todos os cidadãos, desde a mais elevada gerarchia até á mais humilde condição, combater e destruir a todo o custo, se quizermos salvar a nossa patria do inevitavel naufragio das nações que chegam a semelhante estado.

«Se ambicionamos viver como nação independente, pequena sim no territorio, na população e nos recursos, mas grande pela sua historia, respeitavel pelo seu patriotismo e bemquista pelo seu bom juizo e honestidade, é mister que todos, governantes e governados, tenhamos como norma unica de proceder a mais escrupulosa observancia dos deveres individuaes e sociaes, o cumprimento exacto e escrupuloso das leis, a modestia e a economia nos serviços publicos, a educação moral da população e aquelle espirito viril e forte com que nossos avós fizeram respeitar o nome portuguez.

«Digne-se pois V. M. receber e acceitar os protestos de dedicação á patria, ás instituições e á dynastia reinante,



CAPITÃO DE CAVALLARIA  
DOMINGOS CORREIA,  
— Promotor de justiça  
no 1.º conselho de  
guerra

que em nome da cidade do Porto tem a honra de apresentar a V. Magestade esta camara municipal. Deus guarde a V. Magestade. Porto e Paços do Concelho, 12 de fevereiro de 1891.

«Antonio d'Oliveira Monteiro, Antonio Ribeiro da Costa e Almeida, Adelino Adelio Leão da Costa, Anthero Ferreira d'Araujo e Silva, Antonio Maria Esteves Mendes Corrêa, Antonio Pinto Mesquita Carvalho Magalhães, Augusto Carlos Chaves d'Oliveira, Cristiano Vanzeller, Eduardo Augusto de Souza Pires de Lima, Egidio Teixeira Duarte, João Baptista de Lima Junior, Joaquim Soares da Silva Moreira, José Dias Alves Pimenta, José Diogo Arroio, José da Silva Fernando Bahia, José Pinto da Silva Tapada, Manuel José Moreira Monteiro, Manuel Rodrigues da Silva Pinto, Manuel Vieira d'Andrade, Pedro Maria da Fonseca Araujo, Tito Augusto Fontes». <sup>(1)</sup>

A essa mensagem responde o monarcha:

«Recebo com o maior agrado a mensagem de felici-

---

<sup>(1)</sup> Já antes o presidente da Camara Municipal do Porto enviara o seguinte telegramma ao chefe do Estado:

«*Em nome da camara e da cidade do Porto, cumprimento a Vossa Magestade e a toda a familia real.* — ANTONIO DE OLIVEIRA MONTEIRO, presidente.

Ao qual se respondeu com este outro:

*Ex.<sup>mo</sup> Snr. Antonio de Oliveira Monteiro*, presidente da Camara Municipal do Porto. — Sua Magestade El-Rei recebeu com muita satisfação os cumprimentos que V. Ex.<sup>a</sup> e toda a Camara Municipal lhe enviaram. Foi extremamente grato a Sua Magestade o vêr como toda a população d'essa tão nobre e leal cidade condemnou pela sua attitude os lamentaveis acontecimentos que ahí tiveram logar — *Conde de Ficalho*.

Acompanhada de 50.000 réis para melhoria do rancho da Guarda Municipal é dirigida ao commandante d'esse corpo a carta que segue:

«*Ex.<sup>mo</sup> Amigo e Snr.* — Satisfeito com o exemplar comportamento

tações que, em nome da leal e honrada cidade do Porto, me é dirigida pela sua digna vereação municipal.

«Conheço e admiro os relevantes serviços do Porto á patria, á liberdade politica e á dynastia reinante; sabia, por isso, que me não faltariam os seus protestos de fidelidade n'esta gravissima conjunctura em que, depois do criminoso attentado que enlutou e alvorotou o paiz, me vêm de toda a parte ferverosos testemunhos de devoção pela minha pessoa e de sincera confiança nas instituições vigentes.

«A insurreição militar de 31 de janeiro foi prontamente debellada, e a ordem publica está restabelecida em todo o paiz. Merecem o mais assignalado louvor todos os que, n'esse dia, defenderam valosamente a bandeira da patria: a historia ha-de fixar os seus nomes e o reconhecimento nacional não póde esquecer os seus serviços.

«E' de bom conselho que se preste séria attenção ao estado intellectual e moral da nossa sociedade e se combatam efficazmente todas as causas que possam ter con-

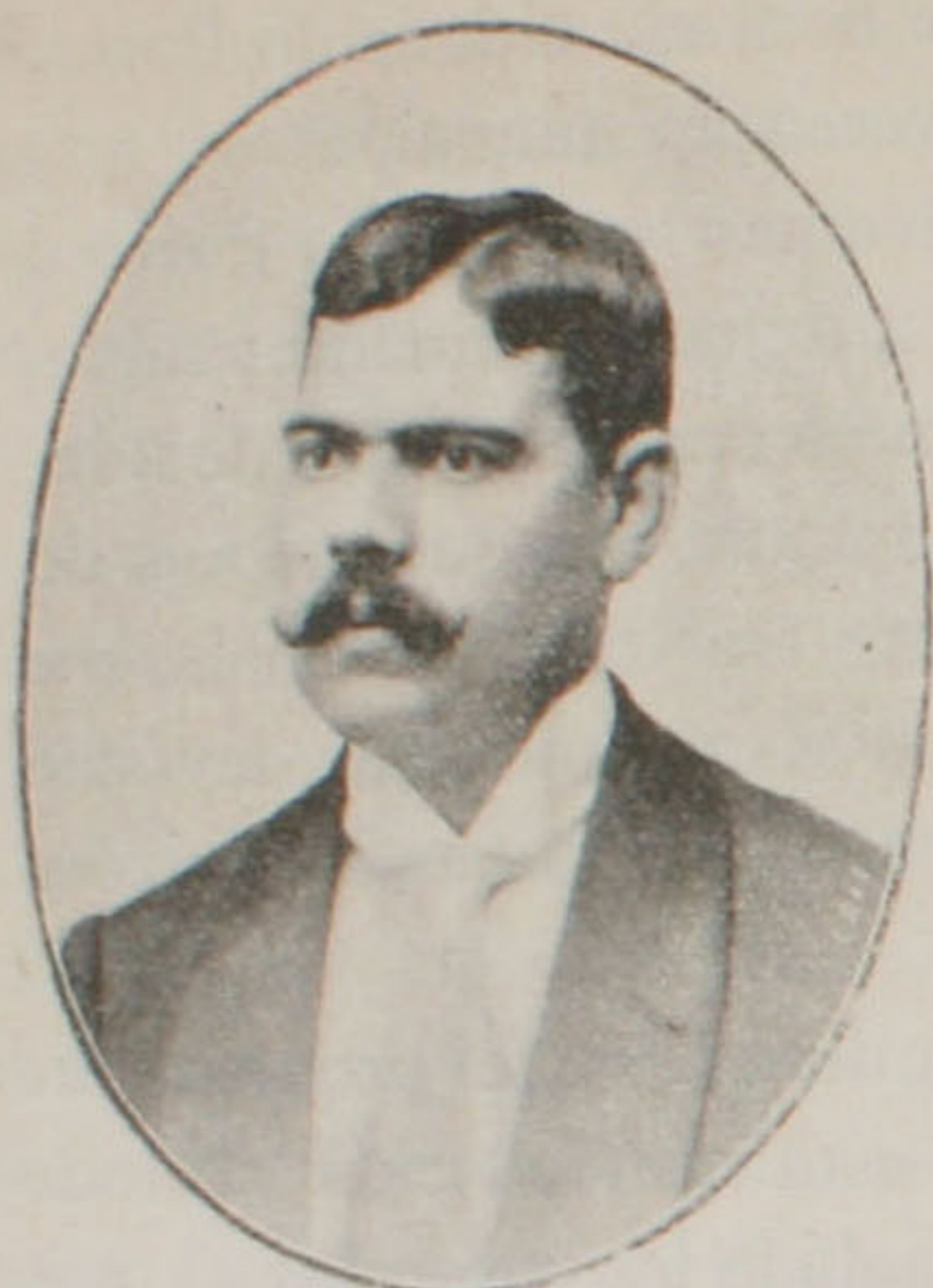
---

e bravura que mostrou o corpo da Guarda Municipal do Porto, no dia 31 de janeiro, para conter os desordeiros e fazer respeitar a lei e o governo do paiz, e seguindo as ideias do meu compadre e bom amigo João Pinto-Ferreira Leite, tomo a liberdade de remetter a V. Ex.<sup>a</sup> a quantia de 50.000, destinados para melhorar o rancho dos soldados da mesma guarda.— De V. Ex.<sup>a</sup>, muito obrigado e creado venerador.— *Januario Bastos.*»

Ao mesmo official é enviado este caloroso cumprimento :

«*Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.*—Meu bravo e glorioso camarada—Felicito a V. Ex.<sup>a</sup> e felicito a valente Guarda Municipal do Porto, hoje mais que nunca, uma honra para o nosso paiz pela maneira corajosa porque acaba de arrancar da beira de um abysmo a monarchia e a nação.

«Consinta V. Ex.<sup>a</sup> que o abraçe e este amplexo cinge toda a corporação da Guarda Municipal do Porto.—O de V. Ex.<sup>a</sup>, camarada admirador e entusiasta.—Lisboa, 2 de fevereiro de 1891. *Christovão Ayres.*»



JOSÉ SOARES DAS NEVES

tribuido para o attentado de 31 de janeiro: é o meio seguro de evitar que elle se repita, e de salvaguardar, com a segurança do estado, o progresso da civilisação e a tranquillidade geral.

«Confio na honra e no brio do exercito, que me mereceu sempre a mais desvelada dedicação, e estou certo de que, successivamente aperfeiçoado na sua

organisação e na sua disciplina, continuará a ser digno das suas brilhantes tradições como leal mantenedor da ordem estabelecida e, sempre que seja preciso, como heroico defensor da integridade da patria e da dignidade nacional.

«O sentimento da justiça e a rigorosa applicação das leis são o fundamento moral de toda a sociedade bem organizada; a publica admnistração tem de ser, necessariamente, economica e austera; a politica precisa de se mostrar, agora e sempre, evidentemente elevada e respeitavel nos seus intuitos e nos seus caracteres dominantes. Estes salutaes principios, que a digna vereação municipal do Porto me relembra na sua mensagem, professo-os eu como verdades fundamentaes, e tenho-os para normas inquebrantaveis da minha magistratura constitucional.

«Diz-me a consciencia que lhes tenho sido fiel; e se ainda não pude mostrar toda a minha profunda dedi-

cação pela nossa patria, tem sido isso devido ao pouco tempo da minha vida de rei, desgraçadamente assembrada por acontecimentos de que me não cabe a responsabilidade, mas de que sinto, como os que mais a sentem, a triste e dolorosa significação!

«Agradecendo á digna Camara Municipal do Porto a sua valiosa homenagem, peço-lhe que seja interprete, perante os seus constituintes, da minha gratidão pela sua provadissima lealdade á monarchia liberal, e da alta consideração em que tenho os seus nobres e elevados sentimentos patrioticos.»

O commandante interino da 3.<sup>a</sup> divisão militar fazia publicar a seguinte proclamação :

#### COMMANDO DA 3.<sup>a</sup> DIVISÃO MILITAR

*Assumindo perante a temporaria suspensão das garantias individuaes, o encargo de manter a ordem publica, conto que, para o integral cumprimento d'este dever, os habitantes d'esta leal cidade darão mais uma vez a prova do seu levantado patriotismo, cooperando quanto em si caiba para o prompto restabelecimento da ordem publica e submettendo-se ás exigencias extraordinarias que o actual momento impreterivelmente impõe.*

*Quartel General da 3.<sup>a</sup> divisão militar, 31 de janeiro de 1891.*

FRANCISCO PEREIRA DA LUZ CORTE REAL

General de Brigada

A seguir, os jornaes da epocha inseriam as declarações de alguns dos membros do governo provisório proclamado nos Paços do Concelho da cidade, cujos

nomes, como se disse, foram lidos por Miguel Verdial, que a tal se prestára, por dispôr de uma voz forte e sonora que facilmente era ouvida pela multidão entusiasmada.

Eis essas declarações :

«*Sr. redactor.*—Só hoje chegou ao meu conhecimento, por alguns jornaes publicados n'esta cidade, que hontem, por occasião das lamentaveis occorrencias que aqui se deram, fôra o meu nome incluído na lista dos individuos indicados para comporem o governo provisório da republica.

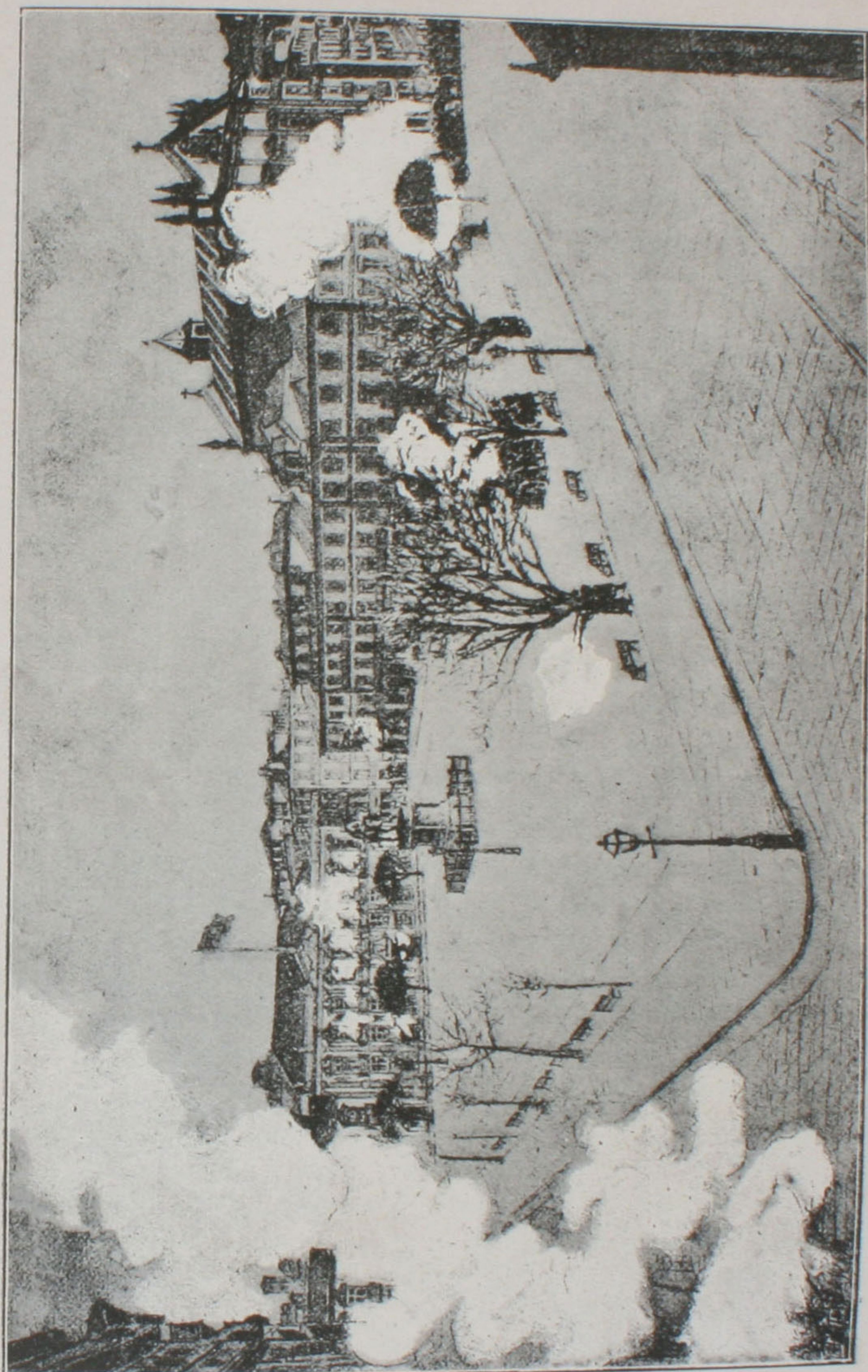
«Surprehendeu-me profunda e amargamente esta noticia. Tenho sido sempre homem de ordem—nem o meu passado, nem as ideias, que tenho manifestado inalteravelmente com o maior desassombro, podiam authorisar um tal procedimento da parte d'aquelles que imprudentemente lançaram o meu nome para o publico e com os quaes não tenho relações de qualquer natureza nem sequer pessoalmente conheço.

«Repillo, portanto, com a maior indignação, o abuso que do meu nome se fez, sem que possa descortinar o motivo que o determinou.

«Faço esta declaração, não para as pessoas que me conhecem e que decerto me fazem justiça, mas para aquellas que, não me conhecendo, poderiam formar de mim juizo menos favoravel.

«Dignando-se v. inserir no primeiro numero do seu acreditado jornal este meu protesto e declaração, muito obrigará o — De v. etc., *Joaquim Bernardo Soares.* — Porto, 1 de fevereiro de 1891.»





O BOMBARDEAMENTO DA CAMARA MUNICIPAL

(Reprodução de uma estampa da Revista Ilustrada)

